UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO

# A PERCEPÇÃO DOS JOVENS E DOS IDOSOS SOBRE A MIGRAÇÃO JUVENIL NA COMUNIDADE DE RIO SANTO ANTÔNIO, SANTA ROSA DE LIMA, SC

**ALEXANDRE SOARES**

Orientadora: Prof.ª. Soraya Franzoni Conde

Florianópolis

2016

Alexandre Soares

# A PERCEPÇÃO DOS JOVENS E DOS IDOSOS SOBRE A MIGRAÇÃO JUVENIL NA COMUNIDADE DE RIO SANTO ANTÔNIO, SANTA ROSA DE LIMA, SC

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal de Santa Catarina como parte dos requisitos para obtenção do título de Licenciada em Educação do Campo.

Orientadora: Prof.ª. Soraya Franzoni Conde

Florianópolis

2016

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Soares, Alexandre
A PERCEPÇÃO DOS JOVENS E DOS IDOSOS SOBRE A MIGRAÇÃO JUVENIL NA COMUNIDADE DE RIO SANTO ANTÔNIO, SANTA ROSA DE LIMA, SC / Alexandre Soares ; orientador, Prof.ª Dra. Soraya Franzoni Conde - Florianópolis, SC, 2016.
77 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação. Graduação em Educação do Campo.

Inclui referências

1. Educação do Campo. 2. Juventude rural. 3. migração. 4. envelhecimento do campo.. I. , Prof.ª Dra. Soraya Franzoni Conde . II. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em Educação do Campo. III. Título.

Alexandre Soares

# A PERCEPÇÃO DOS JOVENS E DOS IDOSOS SOBRE A MIGRAÇÃO JUVENIL NA COMUNIDADE DE RIO SANTO ANTÔNIO, SANTA ROSA DE LIMA, SC

Trabalho elaborado como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciada em Educação do Campo aprovado pela banca examinadora:

_____

Prof.ª Dra. Soraya Franzoni Conde

_____

Prof.ª. Dr. Natasha Eugênia Janata

_____

Profª. Beatriz Collere Hanf

Florianópolis, 04 de Julho de 2016.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer a todos que estiveram comigo nessa caminhada, para a conclusão da graduação e que contribuíram para a minha vida profissional e pessoal. Agradeço especialmente:

Á minha mãe por não ter me deixado desistir, durante o percurso.

A toda a minha família pelo apoio e as palavras de incentivos.

Aos meus amigos, que mesmo estando distante sempre me incentivaram a continuar.

Aos colegas de curso, por serem parceiros dentro e fora da faculdade.

Aos jovens e idosos da comunidade de Rio Santo Antônio, pela disposição em ceder seu tempo para a realização dessa pesquisa.

A esta universidade, que me proporcionou a realização do sonho de concluir um curso superior, seu corpo docente que nos deram todo o suporte, com carinho e atenção. A toda a equipe da Educação do Campo pela dedicação com os seus alunos.

À minha orientadora, Soraya Franzoni Conde, pelo suporte, sua atenção e dedicação, pelas suas correções e incentivos.

A Deus por ter me dado saúde e força para superar as dificuldades.

E a todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigado.

## RESUMO

O presente trabalho visa compreender as percepções dos idosos e dos jovens em relação à migração juvenil na localidade de Santo Antonio, Santa Rosa de Lima. O trabalho foi realizado por meio de revisão bibliográfica e entrevistas semiestruturadas com jovens e idosos que permaneceram na comunidade. Buscou-se discutir a migração juvenil sob o olhar dos que resistiram em permanecer morando no campo. A fundamentação teórica foi realizada junto de estudiosos da temática como Stropasolas (2006), Bosi (1994), Perrot (1996), Castro (2009), Abramo e Branco (2005), Sposito (2003). Com esse panorama, por meio das análises, destacou-se o que é ser jovem, especialmente ser jovem rural, os processos que envolvem a migração juvenil do campo e as impressões do fato do campo estar cada vez mais envelhecido e masculinizado. Por último, destacamos que com a pesquisa constatou-se que os jovens de Rio Santo Antônio migram para as cidades em busca de condições melhores de vida e de maior valorização social.



Palavras chaves: **Juventude rural, migração, envelhecimento do campo.**

## ABSTRACT

This study aims to understand the perceptions of the elderly and young people in relation to youth migration in the town of Santo Antonio, Santa Rosa de Lima. The work was carried out through literature review and semi-structured interviews with young and old who remained in the community. We attempted to discuss youth migration from the perspective of those who resisted to remain living in the countryside. The theoretical foundation was carried out with the theme of scholars as Stropasolas (2006), Bosi (1994), Perrot (1996), Castro (2009), Abramo and White (2005), Sposito (2003). With this panorama, through analysis, it stood out what is to be young, be especially rural youth, processes involving youth migration from the countryside and the impressions of the fact that the field is increasingly aged and masculinized. Finally, we point out that with the research it was found that the youth of Rio Santo Antonio migrate to cities in search of better living conditions and higher social value.



**Keywords**: rural youth, migration, aging field.

## LISTA DE FIGURAS

**FIGURA 1 -** Localização do município de Santa Rosa de Lima.....13

**FIGURA 2 -** População de Santa Rosa de Lima conforme situação de domicílio urbano/rural.....14

**FIGURA 3 -** Serra Geral, localizada na comunidade de Santa Bárbara.....15

**FIGURA 4-** Vista área do centro de Santa Rosa de Lima.....17

**FIGURA 5 -** Foto da escola da comunidade de Rio Santo Antônio.....27

**FIGURA 6 –** Centro da comunidade de Rio Santo Antônio.....28

**Sumário**


INTRODUÇÃO ..... 13

1-CARATERIZAÇÃO DO MUNICÍPIO ..... 17

1.3-Economia ..... 20

1.3.1 Turismo ..... 21

1.4 Educação ..... 23

1.5 Cultura ..... 25

1.5.1. Religião ..... 25

1.5.2 Esporte e lazer ..... 26

1.5.3. Relações de Gênero e Geração ..... 26

1.6 Caracterização da Escola de Educação Básica Professor Aldo Câmara ..... 28

1.6.1-Aspectos Históricos ..... 28

1.7 Aspectos sociais e culturais da escola. ..... 29

1.8 Diagnóstico da comunidade de Rio Santo Antônio, Santa Rosa de Lima, SC ..... 31

2.DISCUSSÃO TEÓRICA SOBRE A MIGRAÇÃO DOS JOVENS DO CAMPO. ..... 37

2.1 O que é ser jovem? ..... 38

2.2 Jovens rurais ..... 41

2.3 Migrações juvenis ..... 45

2.4 Sucessão e envelhecimento do campo ..... 49

3. A PERCEPÇÃO DOS JOVENS E DOS IDOSOS SOBRE A MIGRAÇÃO JUVENIL NA COMUNIDADE DE RIO SANTO ANTÔNIO ..... 57

3.1 Caracterização da comunidade e dos sujeitos da pesquisa 57

3.2 Percepção dos jovens sobre a migração ..... 60

3.3 A migração sob o olhar dos idosos ..... 66

CONSIDERAÇÕES FINAIS ..... 75
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS ..... 79

## INTRODUÇÃO

Este trabalho relata a migração juvenil na comunidade de Rio Santo Antônio, Santa Rosa de Lima, SC. A escolha dessa temática foi justificada pelo esvaziamento da comunidade pesquisada ao longo de sua história, principalmente pelos jovens. A pesquisa vai em direção inversa a outras sobre a temática, pois analisa a migração sob o olhar dos jovens e idosos que permanecem na localidade. A escolha por esse foco foi em função de ser um jovem da comunidade e ter que ao longo da minha trajetória de vida que resistir a migração, enfrentando as dificuldades do dia-a-dia no campo, como a falta de lazer, trabalho, discriminação pelos moradores do território urbano da cidade. Sempre acreditei que mudanças teriam que acontecer na comunidade. Conhecer as percepções dos jovens e idosos que permanecem na comunidade ajudou a compreender a minha própria história e pensar alternativas de lutas para que mudanças ocorram na comunidade, fazendo com que migração seja uma escolha e não a única opção.

Ao longo da história, a população do campo vem sofrendo com o processo de migração. Essa migração ocorre principalmente por parte dos jovens das comunidades do interior em direção aos grandes centros urbanos. A migração do campo envolve, sobretudo, jovens do sexo feminino. Aos poucos, o campo vai se tornando um espaço masculinizado e envelhecido.

A dificuldade de acesso a serviços públicos básicos, o isolamento, as grandes distâncias dos centros urbanos e o estereótipo do "Jeca Tatu", difundido durante a história do nosso país, são fatos que acentuam a ideia de que ser jovem do campo, hoje, em muitos lugares é condenação social ou reflexo do fracasso individual.

Os jovens da comunidade de Rio Santo Antônio, Santa Rosa de Lima, SC, enfrentam diariamente essa difícil escolha entre sair e ficar na comunidade. Como qualquer comunidade do interior, a migração é cada vez mais recorrente, principalmente por parte dos jovens. Como jovem do campo e também morador da comunidade, busco entender na pesquisa, por que os jovens de Rio Santo Antônio migram para a cidade?

Para entender a migração presente na comunidade, tenho como objeto de pesquisa os jovens e os idosos da comunidade de Rio Santo

Antônio, município de Santa Rosa de Lima, que mesmo enfrentando a vida difícil do interior resistiram em permanecer na comunidade, além da trajetória pessoal como jovem da comunidade que permanece na mesma. A migração será retratada sob o olhar dos que permanecem na comunidade, retratando o pensamento, as reflexões e os sentimentos que envolvem essa difícil escolha.

Para a realização da pesquisa, a minha questão de partida foi "Sabendo-se das dificuldades que os jovens e os idosos acabam sofrendo no campo, quais foram os fatores que incidiram sobre a decisão de permanecer na comunidade de Rio Santo Antônio?". Quais as percepções dos jovens e dos idosos em relação a saída dos jovens do campo? Como os idosos enxergam os jovens do campo de antigamente e os de hoje em dia? Quais as semelhanças e diferenças dessas diferentes gerações? Como os jovens do campo enxergam os próprios jovens do campo? Quais as semelhanças e diferenças percebidas entre os jovens rurais e urbanos?

O objetivo geral é compreender as percepções dos idosos e dos jovens em relação à migração juvenil. Como objetivos específicos do trabalho tem-se: "Compreender as relações dos idosos com os jovens do campo.", "Conhecer os sentimentos dos idosos sobre a saída dos jovens do campo", "Investigar as influências que as condições de trabalho e escolarização no campo tem sobre o sobre o êxodo dos jovens", "Verificar a percepção que os idosos constroem sobre as diferentes gerações de jovens", "Estudar o esvaziamento do campo na perspectiva dos jovens e idosos que ainda permanecem", "Revisar bibliografia acadêmica sobre a temática pesquisada".

A metodologia utilizada para o desenvolvimento da pesquisa envolveu uma revisão bibliográfica sobre a juventude e os idosos no meio rural e a realização de entrevistas com 7 moradores da comunidade de Rio Santo Antônio, município de Santa Rosa de Lima, sendo 4 jovens e 3 idosos. Os jovens entrevistados são dois do sexo feminino e dois masculinos, com idade entre 17 e 29 anos. Já a entrevista com os idosos envolveu dois homens e uma mulher, com idade entre 60 a 69 anos. A escolha dos entrevistados definidos se deu por buscar diferentes visões para a comunidade analisando a temática pesquisada. Por isso, buscou-se entrevistados de ambos os sexos que apresentam diferentes visões sobre o mesmo espaço.

O trabalho está dividido em três capítulos, no capítulo 1[1] é realizada a caracterização do município de Santa Rosa de Lima, da comunidade pesquisada Rio Santo Antônio, da Escola de Educação Básica Professor Aldo Câmara e da Escola Isolada de Rio Santo Antônio. O objetivo do capítulo é conhecer melhor o espaço onde vivem os sujeitos da pesquisa. No capítulo 2, é feita uma revisão bibliográfica sobre a temática migração, sobre os jovens, jovens rurais e envelhecimentos do campo. Já o capítulo 3 traz uma análise da pesquisa com os jovens e idosos da comunidade de Rio Santo Antônio. Por último, é feita a conclusão do texto, constata-se que os jovens de Rio Santo Antônio vão para a cidade em busca de condições melhores de vida e de maior valorização.

[1] No primeiro capítulo a caracterização do município e da E.E.B Professor Aldo Câmara traz dados baseados no diagnóstico do município, construído no primeiro ano do Curso em Licenciatura em Educação do campo, atualizados posteriormente. Os dados sobre a comunidade de Rio Santo foram coletados para a realização da presente pesquisa.

# 1-CARATERIZAÇÃO DO MUNICÍPIO

## 1.1-Localização

FIGURA 1: Localização do município de Santa Rosa de Lima no estado de Santa Catarina

FONTE:
http://pt.wikipedia.org/wiki/Santa_Rosa_de_Lima_(Santa_Catarina)

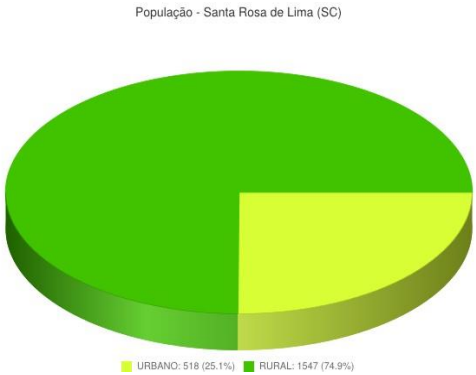
Santa Rosa de Lima é um pequeno município rural localizado no território das Encostas da Serra Geral, principal corredor ecológico entre o Parque Nacional de São Joaquim e o Parque Estadual da Serra do Tabuleiro. Tem destaque no turismo rural e também detém o título de capital Catarinense de Agroecologia. Um pequeno município com apenas 2.065 habitantes sendo que, na sua maioria, moradores do meio rural. Viver em Santa Rosa de Lima é poder desfrutar de riquezas naturais e conviver próximo à natureza. (w.ww.santarosadelima.sc.gov.br)

O município se encontra na microrregião Sul de Santa Catarina integra a Associação dos Municípios da Região de Laguna (AMUREL) e está localizado na região turística encantos do sul e no

vale do Rio Braço do Norte. Está distante de grandes centros urbanos catarinenses, como Joinville, Blumenau, Lages, e há 120 quilômetros da capital Florianópolis. Ainda pode se afirmar que é um lugar calmo aonde se convive diariamente com a tranquilidade presente por suas ruas e casas oferecendo aos seus habitantes uma vida simples e com dignidade.

Atualmente, Santa Rosa de Lima tem pouco mais de dois mil habitantes (2.065 segundo o Censo Demográfico de 2010). Essa população está distribuída em uma área de 206 quilômetros quadrados. Para o IBGE (2010), 74,9% dos habitantes vivem em domicílios rurais e 25,1% em domicílios urbanos.

**Figura 2: População de Santa Rosa de Lima conforme situação de domicílio urbano/rural**




Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2010.

## 1.2-História

A colonização do município de Santa Rosa de Lima se deu por volta de 1900 com a chegada dos primeiros imigrantes. Os primeiros desbravadores de Santa Rosa de Lima foram os açorianos, mais tarde chegaram os alemães e foram estes últimos que se tornaram de fato os grandes colonizadores do município, deixando seus registros na cultura, na gastronomia e na identidade do povo de Santa Rosa de Lima. (DALMAGRO, 2012)

Segundo relatos de moradores, os primeiros anos foram muito difíceis nessa região, pois quando os imigrantes chegaram, eles precisavam começar tudo do "zero", desmatando a floresta para construir suas casas. Era uma vida nova em um lugar totalmente desconhecido e que desde seu início mostra que vida no campo não é fácil e exige sacrifícios. Além de terem que iniciar todo processo de construção de moradia e se estabelecer, eram muito frequentes os conflitos com os índios, havendo muitas mortes cujo resultado foi a dizimação dos povos primitivos que, anteriormente à colonização, já habitavam a região.

Nos primeiros anos, as dificuldades eram muitas. Derrubar florestas, construir casas, levar alguém no médico. Era necessário produzir tudo na colônia. Foi necessária muita organização. Os primeiros colonos que chegaram nessa região construíam as suas casas de barro e palha (pau-a-pique), outros, que já tinham uma condição financeira um pouco melhor, puderam serrar as madeiras a braço e construir suas casas de madeiras. As primeiras plantações feitas na região eram de milho, batata, feijão, arroz, tudo para a subsistência de suas famílias. Alguns anos depois as famílias criavam porcos para depois vender a banha para conseguir dinheiro para comprarem terras, roupas e alguns alimentos que não conseguiam produzir.

A história contada pelos moradores mais antigos sobre a origem do nome de Santa Rosa de Lima, é que ele surge a partir da doação da imagem de Santa Rosa pelas famílias que construíram a primeira capela em 1919, sendo escolhida também com a padroeira da cidade. Como existia uma Santa Rosa no estado do Rio Grande do Sul, acrescentaram "de Lima", por ser Lima no Peru a cidade natal da Santa. No dia 10 de Maio de 1962, instituído pela lei de criação nº 823, foi criado o município de Santa Rosa de Lima. Na época o município ganhou o título de município com a menor sede do Brasil. E assim deu-se a história do município que mostrou às gerações vindouras a herança de que não precisa ser uma grande metrópole para fazer história. Até pouco tempo era o menor município do Brasil e, mesmo assim, se tornou a capital catarinense da agroecologia.

Figura 3: Serra Geral, localizada na comunidade de Santa Bárbara.

Fonte: http://www.santarosadelima.sc.gov.br/ (2015)

**1.3-Economia**

O município de Santa Rosa de Lima sempre teve na agricultura sua principal fonte de subsistência praticada em pequenas propriedades familiares. Por um longo período, a economia baseava-se na produção do porco Macau que, posteriormente, serviria para a venda de sua banha a qual tinha alto valor comercial. Além da criação de porcos havia pequenas roças, aonde plantavam de tudo um pouco para o sustento das suas famílias, para os animais e também para a comercialização. Dentre os produtos mais cultivados na época destacava-se a produção de milho, batata-doce, mandioca, abóbora, entre outros. A partir de 1965 começa no município a produção de monocultura de fumo, atendendo quase que 80% da população nos anos 80. A partir dos anos 90 com a crise da fumicultura, os moradores se sentiram obrigados a irem à busca de novas possibilidades, muitas

conseguiram sobreviver devido à renda que tiravam com a extração da madeira e a produção de carvão vegetal.

A partir do ano de 1996, começaram a ocorrer mudanças na região, quando agricultores viram na produção orgânica e agroecológica a melhor maneira para conseguir sobreviver. Com o fortalecimento da agricultura orgânica no município, os fumicultores começaram a abandonar a monocultura de tabaco à medida que viram a possibilidade de existir outras formas de sobreviver. Hoje as pessoas estão mudando as suas perspectivas, o que se pode comprovar tendo por base o fato de que na última safra de fumo, existiam apenas 47 propriedades no município trabalhando com essa produção, perfazendo cerca de 8 % do total de propriedades.

Na atualidade, o destaque da economia de Santa Rosa fica por conta da agricultura tradicional, produção leiteira, suinocultura, produção orgânica e o agroturismo. Percebe-se que durante toda a sua trajetória muitas mudanças foram ocorrendo na economia de Santa Rosa de Lima, mas sempre tendo a agricultura como o seu carro chefe. Hoje a produção orgânica ganha destaque, mas a suinocultura é a atividade que mais gera renda ao município, o leite é a outra atividade que cada vez vem crescendo mais. Outros ramos da economia têm hoje pouco destaque como a fumicultura e a produção de carvão vegetal, as madeireiras são fortes, mas muitas trabalham na ilegalidade sem se declarar o imposto devido.

### 1.3.1 Turismo

A região das Encostas da Serra Geral possui um projeto de desenvolvimento sustentável que oferece aos turistas atividades de lazer saudáveis nas propriedades de agricultores familiares. Os agricultores familiares de Santa Rosa de Lima abrem suas casas para que o turista tenha uma vivência do seu cotidiano. O objetivo é compartilhar o saber fazer, as histórias, as culturas, e as paisagens. Oferecem hospedagens simples e aconchegantes com direito a conversas na beira do fogão a lenha, a tradicional fartura das mesas e passeios pelo campo. Cientes da responsabilidade para com a natureza praticam e promovem a agricultura orgânica com base do trabalho,

garantindo com isso uma alimentação saudável para suas famílias e para os visitantes.

Atualmente o turismo em Santa Rosa de Lima não é somente feito por pessoas que procuram descanso em um final de semana ou em suas férias. Também se recebe muitos grupos de turistas que vem para obter conhecimento técnico nas áreas de agro turismo, agroecologia e também para conhecer a experiências das associações do território, especialmente da Acolhida na Colônia e da Agreco.

Atualmente, Santa Rosa de Lima é reconhecida nacionalmente e internacionalmente pelos títulos de Capital Catarinense da Agroecologia e Destino Referência em Turismo Rural no Brasil.

Figura 4: vista aera do centro de Santa Rosa de Lima

Foto do arquivo pessoal de Josoan Nack (2015)

### 1.4 Educação

No município de Santa Rosa de Lima todos os alunos estudam no núcleo urbano do município, da Educação Infantil até o Ensino Médio. Com o processo de nucleação ocorrido no final dos anos noventa, a única solução foi deslocar todos os estudantes do campo para uma escola seriada no centro. Até o ano de 1997 possuía aproximadamente 16 escolas distribuídas pelo interior do município. Todas elas eram escolas multisseriadas. Atualmente, nenhuma dessas escolas está ativa, sendo que muitas delas tornaram-se apenas ruínas.

A presença da escola, de certa maneira, torna a comunidade visível ao poder público, pois era nelas ou por causa delas que as famílias participavam mais ativamente dos acontecimentos da comunidade. O professor era também uma liderança dentro da própria comunidade e com a sua saída perdeu-se uma referência entre os moradores e o poder público.

A nucleação deu-se entre os anos de 1998 e 2005 com o fechamento da última escola na comunidade de Rio Bravo Alto, comunidade que lutou muito para que a nucleação não acontecesse.

Dados coletados em conversas formais e informais com os educadores da Escola que atende os estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental e do Ensino Médio indicam que com a nucleação evidenciou-se dificuldades que acabam por afetar o rendimento da aprendizagem dos alunos. A principal delas parece ser a de que as participações dos pais nas escolas diminuíram, geralmente só vão à escola quando são solicitados, comparecem para pegar o boletim ou para escutar reclamação de indisciplina dos filhos. Haja vista a distância entre as comunidades e a escola, a falta de transporte coletivo que integre as comunidades ao centro do município e a dificuldades dos pais de deixarem o trabalho na agricultura para se deslocar até a escola. Um segundo motivo e, de certa forma, decorrente do primeiro, tem a ver com o transporte escolar que, tendo em vista à baixa densidade demográfica do município de Santa Rosa de Lima, acaba gerando uma grande dificuldade na aprendizagem dos alunos, devido ao fato deles terem que percorrer longos trajetos dentro de ônibus que muitas vezes não estão em boas condições.

Atualmente, a rede de ensino de Santa Rosa de Lima é composta por três escolas em atividade, sendo que duas da Rede Municipal e uma da Rede Estadual, todas situadas no que é

considerado perímetro urbano da cidade. Porém, num município onde a maioria de sua população reside no campo e, consequentemente, maior parte dos estudantes são oriundos da zona rural, pode-se questionar a forma de conceituação de perímetro urbano e dizer que são escolas do campo, pois a maior parte dos seus sujeitos possuem uma relação cotidiana com o trabalho no campo, mesmo residindo no centro da cidade.

> A identidade da escola do campo é definida pela sua vinculação às questões inerentes à sua realidade, ancorando-se na temporalidade e saberes próprios dos estudantes, na memória coletiva que sinaliza futuros, na rede de ciência e tecnologia disponível na sociedade e nos movimentos sociais em defesa de projetos que associem as soluções exigidas por essas questões à qualidade social da vida coletiva no país. (BRASIL, 2001, p.1)

Hoje em dia, os estudantes de Santa Rosa de Lima possuem oportunidades de acessarem um curso no Ensino Superior. Uma grande conquista dos estudantes universitários do município é a disponibilização de transporte escolar gratuito, exceção em toda a região. Isso certamente serve de incentivo para que o jovem do campo possa ter uma formação e melhore sua condição de vida. É direito do jovem do campo ter garantido o mesmo acesso a um curso superior tanto quanto ao jovem da cidade. Outra foi a implantação no próprio município do curso de Licenciatura em Educação do Campo uma das maiores oportunidades que já existiu no município e, na atualidade. O curso tem 23 alunos na turma localizada em Santa Rosa de Lima, sendo que 17 são do município e os demais de municípios próximos como: Anitápolis, São Bonifácio, Rio Fortuna e Orleans.

A educação é uma ferramenta fundamental para a construção de um ser humano melhor, como afirmam grandes pensadores da educação como Paulo Freire (1987) Demerval Saviani (2000), entre outros. Porém estudar não é uma tarefa fácil e não garante que teremos uma sociedade mais justa, mas estudar auxilia numa melhor compreensão sobre a própria realidade e a partir de então poder transformá-la. Para que nossas crianças e jovens do campo estudem é preciso esforços tanto por parte da administração do município para apoio logístico, como também por parte dos educandos. Ser estudante

de um município do interior é ter que acordar cedo, utilizar o transporte escolar, que muitas vezes não é de boa qualidade, sem contar as estradas não pavimentadas às quais em períodos de muita chuva acabam ficando ruins e perigosas.

## 1.5 Cultura

### 1.5.1. Religião

Abordando a religiosidade do povo de Santa Rosa de Lima, verificamos uma postura bastante tranquila na concepção da religião que cada um pratica. Este destaque aparece nos adeptos das três religiões existentes no município.

A população apresenta um sentimento religioso muito forte, mas ao mesmo tempo as novas gerações estão deixando cada vez mais essas práticas religiosas. Uma referência muito forte é no sentido da tradição e costumes religiosos que são passados de pais para filhos. Essas situações aparecem muito nas duas religiões que tradicionalmente existem no município: a católica e a protestante luterana. A Assembleia de Deus tenta conseguir seu espaço em meio a esta situação. Convém também colocar que outras religiões não existem no município. Atualmente, a religião católica tem predominância sobre as demais religiões, sendo que apenas duas comunidades do interior possuem igrejas protestante luterana e no centro há uma evangélica.

Um fator que contribui muito para com o comportamento religioso do povo de Santa Rosa de Lima são as heranças culturais enraizadas fortemente pela origem europeia, e a influência da igreja católica. Percebe-se que os povos mais antigos carregam consigo o hábito de cultivar a religiosidade, os jovens estão mais distantes nesse aspecto. As diferentes gerações idosos/jovens discordam sobre o comportamento religioso, sendo que os idosos sempre cobram que os mais novos participem das missas, dos terços. Para os idosos a ida a igreja, representa também o momento de encontro com os outros moradores da comunidade, a hora do bate papo após os cultos, sendo uma forma de lazer. Comportamentos, formas de organizar

comunidades, ritos, fazem a sociedade Santarosalimense se comportar dessa maneira. Os jovens e os idosos apresentam comportamentos diferenciados, sobre a religiosidade, mas havendo sempre o respeito entre as partes.

### 1.5.2 Esporte e lazer

A cidade tem um ginásio de esportes com uma quadra de futsal e uma cancha de bocha, onde são realizados campeonatos rurais, inter-familias, e várias atividades esportivas durante todas as noites da semana. O espaço é utilizado também para as de educação física das escolas e para treinos de jogos escolares. Podemos encontrar também quadras, campos de futebol suíço e cancha de bochas espalhadas por todas as comunidades do município, onde os moradores se encontram para ter uma atividade de integração e lazer entre jovens, crianças e a comunidade.

### 1.5.3. Relações de Gênero e Geração

A vivência da infância no campo se dá de diferentes formas. Muitas vezes há falta de oportunidade para as crianças se divertirem ou até mesmo de aproveitarem a infância, as brincadeiras, a cultura e as tradições. Muitas dessas crianças não possuem oportunidades de ter infância e acabam sendo exploradas no trabalho, tendo que "ajudar" no sustento das famílias, negando a elas o direto de brincar.

As crianças desenvolvem as suas personalidades, dependendo do meio aonde elas estão inseridas. É na infância que a sociedade começa a estabelecer as diferenças entre os meninos e as meninas, determinando as tarefas de cada sexo, a cor da roupa e o que podem ou não fazer os diferentes sexos. Padrões são convencionados como, por exemplo, os meninos usam azul e as meninas rosa. Trocar essa convenção, em muitas famílias de Santa Rosa, não é permitido. Muitos pais acabam reproduzindo os comportamentos de seus antecessores com os seus próprios filhos. Esse comportamento sofre fortes influências dos meios de comunicação e da religião, onde são

reforçadas as desigualdades entre meninos e meninas e a questão do gênero aparece na valorização de mulheres “belas, recatadas e do lar”.

Na juventude também acontece uma grande diferença de gênero entre homem e mulher, pelo fato de o homem ser mais valorizado que a mulher tanto no mercado de trabalho quanto no próprio meio em que vive, tendo mais posse de terra do que a mulher e maior autonomia para sair de casa. Com isso a mulher acaba sendo desvalorizada, buscando outros meios de vida, entre eles, estudos e um emprego fora do ambiente doméstico e familiar. Muitos jovens eram valorizados pelo fato de se dedicarem desde cedo ao trabalho. Hoje em dia os jovens não pensam em se dedicar ao trabalho no campo, pois se sentem mais atraídos pelo trabalho fora do campo.

O processo de envelhecimento do idoso vem ocorrendo de duas formas. Ou ele envelhece apoiado na família e na sua comunidade ou é abandonado por ela, sofrendo na solidão, pobreza, ou seja, em condições precárias de vida. Existem diferentes formas de ver os idosos do campo. A sociedade se modificou, com o passar dos tempos o papel social do idoso. Antigamente, ser idoso significava ser uma pessoa que todos respeitavam, principalmente os descendentes e a sua comunidade.

Hoje em dia, em muitos lugares isso não acontece mais. O papel do idoso na sociedade atual não é mais daquele senhor ou senhora que acima de tudo tinha que ser respeitado, pois eram eles que detinham um conhecimento maior. Atualmente, os idosos não são mais os únicos detentores dos conhecimentos, pois os jovens estão indo em busca de novos horizontes e questionam os idosos apresentando pensamentos diferenciados sobre a mesma realidade. O conflito existe porque os jovens não querem partilhar de uma época do qual eles não viveram, que para os mesmos não condiz com a realidade dos dias atuais. Ao mesmo tempo, os idosos tendem a memorizar a sua época e a sua forma de vida como melhor. Em Santa Rosa de Lima ocorre semanalmente o clube dos idosos, no qual gera aos mesmos a oportunidade de sair de suas casas, ter um encontro com os seus amigos, jogar conversa fora, de viver a sua velhice com momentos de descontração e alegria.

## 1.6 Caracterização da Escola de Educação Básica Professor Aldo Câmara

### 1.6.1-Aspectos Históricos

A história da Escola de Educação Básica Professor Aldo Câmara tem início com a colonização da região e com a necessidade de seus moradores terem um espaço destinado à escolarização de seus filhos. Até chegar à denominação que tem hoje, ela passa por algumas fases:

1) Por volta de 1928 os moradores desta localidade sentiram a necessidade de terem uma escola, pois as famílias que tinham se instalado aqui nos últimos 10 anos tinham já vários filhos que precisavam aprender a ler e escrever. A ideia era aprender o mínimo necessário para a realidade da época, ler, escrever e fazer contas. Na época, a língua praticada em muitas escolas era a alemã, não havia uma preocupação com a burocracia, por isso não se deu um nome à escola. Atualmente podemos chamá-la de escola comunitária, pois era mantida pelos próprios pais dos alunos. Não se usava uniforme e a merenda era trazida de casa pelos próprios alunos. Essa fase da escola termina com o início da Segunda Guerra Mundial em 1938, quando todas as escolas que lecionavam em alemão foram fechadas.

> A repressão ao uso da língua alemã no ensino foi outro aspecto nebuloso da história de Santa Rosa de Lima. A exemplo do que aconteceu em todas as colônias alemãs do país, no município, professores, autoridades e até mesmo os pais foram impedidos de falar a língua alemã ou desestimulados a usá-la em sala de aula. (DALMAGRO, 2012, p. 40).

2) Após ficar fechada por aproximadamente cinco anos a escola reabriu em 1944 e nessa época era multisseriada. Nos 50 usava-se como material de estudos a pena tinteiro, mas também cadernos, lápis, livros e quadro de giz. Só eram aceitas matrículas após 07 anos de idade. No início dos anos 70 também se começou a fornecer a merenda aos alunos, o professor e os alunos que tinham que prepara-la. A limpeza também ficava a cargo, dos alunos e do professor (a). A Diretoria da escola ajudava na manutenção do prédio, com o fornecimento de lenha e nas capinas e roçadas maiores. Os recursos,

excetos as cartilhas e alguns livros, eram bancados pelos pais que chegavam a fazer festas para arrecadar fundos para a escola. Isso era quase sempre feito em mutirão. Este ciclo fecha-se em 1975.

3) Em 1975 vários alunos iam estudar em Rio Fortuna de ônibus pagos pelos pais. As lideranças da época, os professores e os pais foram ao governo e insistentemente pediram a criação do ensino fundamental, 5ª a 8ª séries. Foi feito até campanha de matrícula juntando as comunidades de Varginha e Povoamento de Anitápolis para reforçar a turma e convencer o Governo do Estado. Em 1976 instalou-se então a EEB Professor Aldo Câmara com a nova nomenclatura da escola reunida Santa Rosa de Lima. A implantação foi progressiva, ou seja, a cada ano era acrescida uma série tendo o ciclo de 5ª a 8ª se completado em 1979 com a primeira formatura oficial de 1º. Grau, atual Ensino Fundamental.

4) A criação do Ensino Médio se deu por volta de 1987. Foi implantado de forma progressiva tendo sua primeira formatura em dezembro de 1989. Ampliou-se o quadro de professores com aulas em três turnos.

5) Nos anos noventa, mais precisamente em 1992, devido à falta de matrículas, a escola correu o risco de ser fechada, foi feita assim uma campanha por parte das autoridades para se conseguir novas matrículas. Uma das formaturas teve apenas duas formandas e foi feito em conjunto com a 8ª. Série. Diante da situação, a escola e a prefeitura lançaram campanhas de matrícula e ampliação de transporte escolar para o município todo em pouco tempo a frequência de alunos aumentou e a escola se consolidou.

### 1.7 Aspectos sociais e culturais da escola.

A EEB Professor Aldo Câmara localiza-se no perímetro urbano de Santa Rosa de Lima, contudo como já explicitado anteriormente, recebe estudantes de todo o interior do município, que muitas vezes, dispõe somente, de um horário de transporte escolar. Tendo em vista esta dificuldade ocasionada pelo transporte escolar, a escola fez um levantamento dos dados escolares dos últimos quatro anos, para que desta forma, desenvolva-se um trabalho eficaz que atenda às necessidades educacionais dos alunos, ocasionando a melhoria na aprendizagem, evitando repetência ou evasão.

Através dos dados levantados no diagnóstico, percebeu-se que a escola possui um índice decrescente de reprovação no Ensino Fundamental que de 5.2% em 2007, foi diminuindo para 1.5% em 2009 em razão do trabalho realizado com o reforço escolar. A distorção idade/série se mantém em torno de 07 alunos, totalizando 4% no Ensino Fundamental. Quanto à evasão escolar, o índice é baixíssimo, tendo ocorrido apenas um caso no ano de 2007 no Ensino Fundamental.

Atualmente, segundo a coordenação pedagógica a Escola possui 197 alunos matriculados, sendo que a grande maioria destes (70%) são oriundos da zona rural. Isso nos remete a necessidade de se ter uma educação voltada com maior ênfase para o homem do campo. Para o atendimento educacional desses estudantes, trabalham 33 funcionários, entre professores e profissionais técnico-administrativos**.** Desse total, apenas 18 são efetivos.

A escola dispõe de um espaço físico que contém oito salas de aulas utilizadas pelos seus alunos, uma sala de informática onde são feitas pesquisas, uma biblioteca, que deixa a desejar, pois são poucas as vezes que esse espaço tão rico é usado para proporcionar um melhor aprendizado aos seus alunos. A biblioteca acaba sendo um espaço pouco utilizado que poderia proporcionar aos estudantes um aprendizado mais efetivo. Além desses espaços físicos, possui acesso à internet. A escola dispõe de um bom espaço físico e de instrumentos para realizar uma boa educação, bastando apenas usufruir deles e fazer com que isso aconteça.

Para Gonzáles, a escola possui a função de formar cidadãos capazes de viver em sociedade que aprendam a conviver com as diferenças e assim aprender a respeitá-las. Segundo Gonzáles (1992):

> A escola constitui um filtro que modela as mudanças que vêm do exterior, bloqueando-as ou dinamizando-as. Na organização desenvolvem-se os padrões de relação, cultivam-se modos de ação e produz uma cultura própria em função da qual os indivíduos definem o seu mundo, elaboram juízos e interpretam as inovações (...) de pouco servirão os esforços isolados dos indivíduos para mudar as suas práticas, se realizarem a margem da

> dinâmica própria da escola. (GONZÁLES apud NÓVOA, 1992, p.41).

Porém sabemos que existem e não são poucos os problemas enfrentados pela educação em nosso país e isso se reflete no pequeno município de Santa Rosa de Lima.

### 1.8 Diagnóstico da comunidade de Rio Santo Antônio, Santa Rosa de Lima, SC

A comunidade de Rio Santo Antônio teve sua colonização por volta de 1915, vindos do município de Armazém e redondezas. Segundo WIEMES(2002), em 1924, habitavam nesta comunidade aproximadamente 40 famílias. A economia local baseava-se na extração de madeira e banha do porco Macau, mas com a entrada do porco branco e os produtos oriundos da soja como o azeite, a banha e o porco Macau perderam espaço. Na comunidade havia várias serrarias de beneficiamento da madeira, o que acabava por gerar muitos empregos, possuía até uma pequena mercearia, atualmente existe apenas uma serraria, o comercio ocorre com algumas compras diretas entre os moradores e o restante no centro do município.

> A comunidade do Rio Santo Antônio, uma das mais afastadas da sede do município e com grande dificuldade econômica é formada por imigrantes açorianos. “São os brasileiros”, na linguagem pejorativa usada pelos colonizadores alemães e italianos. Uma comunidade que na década de sessenta atingiu o maior número de habitantes, todos movidos pela acentuada exploração de mata nativa. A exploração desordenada foi provocada por pessoas de fora do município que instalaram serrarias ao longo do Rio Santo Antônio e que aproveitavam a mão de obra barata dos colonos ali instalados. Trouxeram, ainda, outras famílias, principalmente compostas por pessoas que não tinham terra para trabalhar. (BAUMANN, 2012, P. 85)

Quando os primeiros colonos chegaram aqui encontram na comunidade um local com mata fechada e aos poucos foram

desbravando mata adentro, abrindo estradas a braço, cortando árvores com o machado, pois não existiam outros equipamentos. Além do trabalho pesado, ao desbravar mata adentro, perceberam que não eram os primeiros a chegar no local, anteriormente, os índios já o habitavam. Houve muitos conflitos entre os mesmos, gerando mortes e a dizimação dos índios. Embora muitos "homens brancos" morreram nos conflitos, os índios acabaram perdendo, pois os colonizadores detinham de bom armamento. Wiemes (2002), relata um pouco de como se deu os primeiros passos dos colonizadores de Rio Santo Antônio.

> Quando chegaram os primeiros colonos foram derrubando de pouco em pouco, tudo a machado, porque motosserra, nem pensar. Botaram tudo no chão, pois eram obrigados para fazer roça, depois a casa e o potreiro. Uma vez fixado na residência, nos anos posteriores iam derrubando cada ano uma parte, sempre escolhendo as melhores terras, onde havia também melhores madeiras. Uma vez derrubado apodrecia tudo. Que pena! As melhores madeiras se perderam por falta de quem serrasse para aproveitar, pois faltavam estradas e serrarias. Mas imagino que a maioria dos colonos nem pensavam em aproveitar. Só se lembravam em derrubar, ter terra para as plantações. Só aproveitavam um pouco para o seu proveito próprio. Fazer a casa para morar, o paiol, o galinheiro [...], também encontraram muitos índios, homens semelhantes a nós, só que viviam no mato. Esses não estragavam a natureza, porque sabiam cuidar. Mas a maioria foi morto, e uns poucos que escaparam com vida, se ausentaram daqui desta região. (p. 23)

No mesmo ano de sua fundação, criou-se na comunidade uma escola, sendo ela estadual e multisseriada. As aulas eram ministradas em uma casa cedida por um morador, pois não havia um espaço para que as aulas acontecessem. A criação dessa escola foi devido à distância percorrida pelos estudantes para as comunidades vizinhas. Em 1959, os moradores se uniram e construíram de forma rústica a primeira escola da comunidade. A primeira turma, um tanto numerosa, contava com cerca de trinta e cinco alunos com a idade de 15 anos,

mostrando a falta de acesso à escola. Na década de 60, o governo construiu uma nova escola, esta agora de alvenaria e que atualmente encontra-se abandonada. A escola atendeu os alunos da comunidade até o ano 1998, abrindo novamente em 2002, fechando definitivamente em 2004, quando ocorreu o processo de nucleação no município e os alunos foram transferidos para as escolas no centro do município. (BAUMANN, 2012)

Figura 5: foto da escola de Rio Santo Antônio, atualmente

Fonte: foto do autor. (2016)

O primeiro professor da comunidade foi o S.r. Leopoldo Willemann, que lecionou por um período de 10 anos até a sua morte. Posteriormente quem ocupou a vaga em 1965 foi Adolfo Wiemes, que atuou por 30 anos, que além de professor, era um líder na comunidade. Ele foi responsável pela educação da maioria dos moradores da comunidade, de tanto amor oferecido a sua comunidade e através de sua história de vida acabou escrevendo um livro que conta a história da comunidade, “Rio Santo Antônio, minha terra, minha vida”, 2002.

A comunidade atualmente tem sua economia voltada para a produção de alimentos, gado de leite e corte, carvão vegetal de eucalipto sendo o que mais gera renda à comunidade é a extração de madeira. A extração de madeira é feita na sua maioria de reflorestamento de pinus e eucalipto. Antigamente era mais forte a extração de madeira nativa, movimentando bastante a economia da comunidade. Com o fechamento das serrarias ocorreu o esvaziamento do local, com isso Rio Santo Antônio deixou de ser uma das grandes economias do município e passou a ser mais "fraca" nesse sentido. Havia na época cerca de 70 famílias. Atualmente esse número é bem menor, com apenas 27 famílias. Baumann (2012) em sua pesquisa relata essas mudanças ocorridas na comunidade.

> Na década de 80, com o esgotamento da mata nativa, ocorre o fechamento das serrarias seguido do esvaziamento da comunidade. Somente permaneceram as famílias com posse de terra, que se viram direcionadas para mais uma atividade exploratória: a produção de carvão vegetal. Atividade esta que permanece por várias décadas e que gradativamente está sendo abandonada. (p. 85)

Figura 6: Centro da comunidade de Rio Santo Antônio.

Fonte: foto do autor. (2016)

Em Rio Santo Antônio todos os alunos frequentam a escola no meio urbano, devido ao processo de nucleação ocorrido. Todos estudam no período da manhã. A rotina das crianças da comunidade começa bem cedo, enfrentam todos os dias longas distâncias dentro do ônibus, o que em dias de chuva se agrava ainda mais pelo fato das estradas que fazem o trajeto até o centro serem de terra e nos períodos de chuva na dificuldade de acesso.

As crianças da comunidade de certa forma são muito guerreiras, pois enfrentam tudo isso para poder aprender e estudar. Pelas estradas passam medo, frio no inverno intenso e quando chegam à escola têm que estar dispostos para conhecer e se interessar pelos estudos. Muitas vezes o cansaço fala mais alto e o aprendizado não é o mesmo daqueles que moram mais próximos a escola e por não dependerem do transporte escolar podem escolher em que período irão estudar. Para os que moram em comunidades mais distantes o transporte passa só no período da manhã e à noite para o ensino médio. Hoje a comunidade possui 19 crianças de 0 a 12 anos frequentando a escola,

22 jovens de 15 a 29 anos, com escolaridade na sua maioria de ensino médio completo e 14 idosos acima de 60 anos, tendo cursado apenas a 4ª série primária.

Depois de acordar cedo para ir à escola passar a manhã toda estudando e chegar em casa quase uma hora da tarde, muitos precisam "ajudar" seus pais nos afazeres da vida do campo. Esse período depois das aulas é destinado para a realização das tarefas e na sua maioria para a diversão, afinal são apenas crianças.

As crianças vivem a sua infância, mas com os jovens a preocupação é um pouco maior, porque na comunidade não tem muita opção de diversão. A maioria possui o espírito aventureiro e acaba se deslocando para outros lugares em busca de diversão. Fato esse que muitas vezes acaba deixando seus pais preocupados, pois saem de moto e acabam correndo perigo nas estradas. Trabalham com seus pais, ou por conta própria na agricultura.

## 2.DISCUSSÃO TEÓRICA SOBRE A MIGRAÇÃO DOS JOVENS DO CAMPO.

O objetivo desse capítulo é entender a migração dos jovens do campo para a cidade e as consequências dessa decisão para o campo. A discussão sobre a decisão dos jovens saírem deste trabalho é baseada em estudos já realizados por autores clássicos que trabalham a temática como: Perrot (1996), Castro (2009), Bosi (1994), Abramo e Branco (2005), Janata (2012), Sposito (2003), Stropasolas (2006).

Ao longo dos tempos têm se constatado uma grande migração dos jovens do campo em direção a cidade. A saída desses jovens acaba esvaziando o campo e o êxodo rural é recorrente em grande parte do Brasil. O mesmo movimento acontece no pequeno município de Santa Rosa de Lima.

Para compreender a migração juvenil utilizei sites para busca de trabalhos acadêmicos na internet como: SIELO, ANPED, Google Acadêmico, entre outros, além de documentos já direcionados pela orientadora. A pesquisa se deu através de leitura, sistematização e análise do material bibliográfico. Primeiramente, para poder encontrar os trabalhos que me ajudariam entender o processo de migração dos jovens, digitei as palavras que considerei chave, "juventude", "juventude rural", "envelhecimento do campo", "idosos do campo", "migração campo-cidade", entre outras. A grande maioria dos trabalhos encontrados surgiram ao digitar as palavras-chave "juventude" e "juventude rural". Posteriormente, foram analisados os textos encontrados e selecionados os que apresentaram alguma relevância para a pesquisa.

Os jovens são sempre considerados o futuro de um país, de uma comunidade, de um município, onde depositam-se muitas expectativas em relação as suas atitudes. Porém, o jovem muitas vezes não tem a sua opinião aceita pelos seus pais ou por pessoas mais velhas das famílias, ou da comunidade, justamente por acreditarem que os mesmos não possuem a experiência para aquela determinada função. Os problemas e os conflitos enfrentados pelos jovens são muitos, tanto os jovens considerados urbanos quantos os oriundos das zonas rurais (CASTRO, 2009). Nesse capítulo, discutirei: o que são jovens? O que é juventude rural? A migração juvenil, a sucessão familiar e o envelhecimento do campo são temas relacionados com a realidade

atual do campo e ajudam a entender a saída e a permanência dos jovens no campo e as questões envolvidas na decisão.

### 2.1 O que é ser jovem?

A juventude é o momento da vida do ser humano em que as escolhas para o futuro começam a surgir, na juventude é o momento que começamos a ser preparados para a vida de adultos. Nesse momento, cabe aos jovens fazerem escolhas profissionais e pessoais. É chegada a hora dos namoros e casamentos, conflitos em casa com os pais, um período de certa rebeldia, pois o jovem tem na sua essência o sentimento de liberdade. Como na maioria dos casos estão sob o controle de seus pais e, acabam querendo alçar novos voos, o conflito em muitas das famílias acaba sendo inevitável. Porém, muitos jovens acabam tendo as suas próprias famílias e desde muito cedo acabam tendo que ter muitas responsabilidades e, consequentemente, perdendo a própria juventude. Para Castro (2009):

> As diferentes construções do que é ser jovem, para os indivíduos, que encontramos variam nos espaços por onde transitam, e de acordo com as posições sociais que ocupam, [...] Juventude é percebida assim, como uma categoria social que, via de regra, relega aqueles assim identificados a um espaço de subordinação nas relações sociais. Paradoxalmente jovem é associado a "futuro' e à "transformação social". (p.188).

Ao mesmo tempo que os jovens são muito criticados, pela sua postura, sua maneira de ver na vida, por outro lado, são apontados como percussores de um futuro mais próspero. Não podemos definir os jovens ou a juventude em apenas uma palavra, pois os sujeitos e os espaços que os mesmos habitam são diferenciados com realidades em muitos casos opostas. Para compreender os interesses e as vontades dos adolescentes e jovens precisamos conhecer a realidade na qual estão inseridos. Conforme relata Vygotski (1996) apud Mascagna (2009) em relação à adolescência[2]:

[2] O termo adolescência parece estar mais vinculado às teorias psicológicas, considerando o indivíduo como ser psíquico, pautado pela realidade que

> Para compreender o desenvolvimento psicológico do adolescente, devemos entender profundamente a questão dos interesses nessa fase. As funções psicológicas são regidas por interesses e vontades segundo cada etapa da vida, ou seja, de acordo com a idade do homem. (p. 108)

A afirmação de Vygotsky não pode ser reduzida à adolescência, mas também pode ser transposta para os jovens e as crianças, pois para entender o desenvolvimento psicológico em qualquer período do desenvolvimento humano, deveremos entender a questão dos interesses.

No geral, a comunidade não considera os interesses e nem o período do desenvolvimento em que o jovem se encontra. Julga-se muito as suas atitudes, mas não se avalia se o que se exige daquele jovem condiz com as suas reais necessidades no momento. A juventude é uma época de mudança, tanto física quanto emocional, nesse momento o jovem possui comportamentos que os diferenciam de outras pessoas em outras etapas da vida. Com o passar dos tempos as necessidades serão diferenciadas para cada etapa de nossas vidas, na juventude não é diferente, os jovens não possuem as mesmas necessidades que um idoso e vice e versa. A partir das concepções de Foracchi (1972), apud Sposito (2010), discute-se que:

> Na singularidade da juventude como categoria social, estariam contidas as omissões, os benefícios e as tensões de uma configuração social, pois a juventude representaria a categoria social sobre a qual ecoa, de modo particular, a crise do sistema. (p.5)

---

constrói e por sua experiência subjetiva. Ao passo que o termo juventude parece ser privilegiado no campo das teorias sociológicas e históricas, no qual a leitura do coletivo prevalece. Sendo assim, a juventude só poderia ser entendida na sua articulação com os processos sociais mais gerais e na sua inserção no conjunto das relações sociais produzidas ao longo da história. (CARLA R. S, ESQUERDO R. L. 2009, P. 88)

A juventude como uma categoria social, poderia ser mais compreendida, pois a partir do momento que se conhece uma realidade, podemos entender os processos sofridos nessa etapa. Para compreender os jovens e as suas escolhas é preciso mergulhar nos seus universos, e entender as suas peculiaridades, para a partir de então entender as suas escolhas. Os jovens são pessoas que estão no seu estado de formação, um jovem é um ser humano que está envolto na sociedade, e é a partir dela que serve como um reflexo, que a sua formação psicológica e social se dará. Segundo Sposito (2008):

> De um lado, sabemos que os jovens são seres, ainda, em processos de desenvolvimento facilmente aderentes a processos formativos de natureza diversa. De outro, sabemos que o caráter de ser inacabado é próprio do humano; todos precisam, em todos os momentos da vida, de ampliação de horizontes da formação pessoal, sobretudo em sociedades cuja velocidade da mudança é intensa. (p.11)

Não se pode discutir o tema juventude sem perpassar pelo mundo do trabalho, pois é nessa fase da vida que o contato direto com o trabalho está efetivamente presente na vida das pessoas. Em muitas famílias o trabalho já é inserido anteriormente na fase final da infância e início da adolescência, mesmo que nessa idade não seja adequado trabalhar e sim se dedicar aos estudos, para muitos é uma realidade. Porém é na adolescência e na juventude que se efetiva esse processo, pois as responsabilidades começam a aparecer e o trabalho é necessário para a garantia de sobrevivência. Para Perrot (1996):

> A relação com o trabalho é certamente o que mais distingue infância e juventude no século XIX. A primeira subtrai-se cada vez mais a ele; a segunda está destinada a ele. A escola concorre com a fábrica, no que concerne à infância, [...] A oficina, a fábrica, os canteiros de obras tornam-se assim espaços juvenis, pelo menos lugares da juventude operária. (p. 102).

A influência do trabalho é grande na vida dos jovens, muitas vezes, acaba sendo um contribuinte para que os mesmos abandonem as salas de aula e se dediquem, exclusivamente, a trabalhar. Aos que não abandonam a escola, a qualidade dos estudos é afetada pelo

cansaço. Nesses casos, estudam no contra turno e não possuem o mesmo rendimento dentro de sala de aula, pois estão cansados depois de uma longa jornada de trabalho. Para Janata (2012):

> A juventude é uma fase da vida em que o trabalho passa a ser compreendido no contexto das relações sociais complexas, e o ensino médio é uma etapa da escolarização que coincide com o momento em que o trabalho surge para o jovem como meio de conquista de sua autonomia. (p.193)

Em muitos casos os jovens acabam deixando os estudos de lado e se dedicando ao trabalho. Essa escolha ocorre por alguns fatores: o cansaço mediante a dupla jornada, (trabalho e escola), pelo fato do trabalho fornecer maior autonomia financeira dos jovens em relação às suas famílias e assim conseguirem ter o próprio dinheiro para sair, curtir com os amigos, ter as suas próprias coisas. Em alguns casos ocorre por imposição dos próprios pais que necessitam do trabalho de seus filhos para manter a sobrevivência da família. Geralmente ocorre em famílias de classe de renda mais baixa, em que o número de filhos também é mais elevado.

Ser jovem seja no campo ou na cidade é ser alvo de uma cobrança social muito grande. Na juventude é que surgem todas as dúvidas em relação ao futuro, qual formação deseja, se fica ou sai de casa. Além dos conflitos existentes entre as gerações, pois os jovens enxergam o mundo de forma diferente, principalmente dos pais que sob outros pontos de vista se não forem aceitos, o conflito será inevitável. Ser jovem é visto como ser o futuro, mas se esquece de enxergar o jovem no presente.

### 2.2 Jovens rurais

Ao falar de juventude, o foco quase sempre é dado aos jovens que moram no perímetro urbano das grandes cidades. Não devemos esquecer de uma grande parcela de jovens que acaba sendo deixada de lado são os jovens oriundos das zonas rurais. Uma categoria que é vista pela sociedade muitas vezes como sinônimo de atraso, jecas tatu, caipiras, entre outros nomes pejorativos.

Essa exclusão também aparece dentro do próprio campo, onde as mulheres e os jovens são excluídos de algumas atividades dentro das suas próprias propriedades, isso geralmente acontece quando nas tomadas de decisões na propriedade e nas questões financeiras. As mulheres e os jovens são privados dessas decisões. Cabe ao pai, considerado o grande provedor da casa, a tomada das decisões. Percebe-se a pouca participação dos jovens no uso dos recursos, sendo que muitas vezes eles não possuem recursos próprios, dependendo dos pais para qualquer coisa que necessitam. Segundo Castro (2009):

> A exclusão social é uma marca da juventude rural no Brasil, seja pela invisibilidade de suas demandas nas esferas das políticas públicas, seja pelas difíceis condições de permanência dos jovens no meio rural, afetada por questões "objetivas" e "subjetivas", "novas" e "velhas". Contudo, esta exclusão é confrontada por manifestações de organizações de juventude rural. (P. 17)

A exclusão dos jovens do campo é um fato recorrente, pois durante toda a vida os povos do campo acabam sofrendo com o processo de exclusão exigidos pelo padrão urbano. Uma diferença bastante presente entre os jovens da cidade em relação aos do jovem do campo é que desde crianças os meninos e meninas do interior já possuem uma grande ligação com o trabalho e com a natureza. Muitos acessam essa condição inicial como uma forma de "ajudar aos pais", mas há casos onde os pais acabam tirando-os da escola para trabalhar, não achando ser necessário estudar para viver no campo e para se dedicar ao trabalho da propriedade rural. Os jovens rurais vão conquistando o seu espaço através das lutas sociais e assim vão conquistando os seus direitos e seus espaços na sociedade (CASTRO 2009).

As mudanças que foram ocorrendo com o campo acabaram tendo reflexo nos jovens da atualidade que buscam facilidade na hora de escolher um emprego. O jovem do campo não é mais aquele dos tempos atrás, que ia para a lida de sol a sol e não reclamava, pois essa era a forma de conseguir dar o sustento para a sua família. Hoje em dia com a entrada das máquinas e as tecnologias fica tudo mais fácil. Porém, grande parte dos jovens atualmente não se identificam com as atividades agrícolas da propriedade. O trabalho pesado, com mão de

obra braçal, não é algo que chama mais atenção desses jovens, estão cada vez mais em busca de outras oportunidades fora do universo rural. Muitos deles até pensam em morar no campo, desde que a renda venha de uma atividade desenvolvida fora dele.

Para compreender os jovens rurais precisamos conhecer a realidade social a qual ele está inserido. Segundo Stropasolas (2006):

> Longe de significar uma débil interação com o que se passa além dos limites geográficos, as observações indicam que os jovens apresentam motivações culturais não oriundas, determinadamente, do acesso às informações "sugestivas" captadas nas antenas parabólicas, presentes em grande número de famílias rurais, mas, sobretudo, do questionamento da sua condição social, da redefinição de valores e da busca pela ampliação do horizonte cultural, expresso no desejo de sair para estudar, conhecer outras realidades e "mudar de vida". (P. 187).

Ser um jovem no interior, além de enfrentar todos os dias condições adversas na agricultura, sem um emprego fixo e com pouca valorização, significa pouco acesso à escolarização. Os jovens rurais acabam estudando menos que os do urbano, devido as longas jornadas de trabalho e as difíceis condições de acesso à escola. Assim, acabam desistindo de estudar. Hoje em dia é grande o número de jovens, principalmente do campo, que estão fora da sala de aula, em Rio Santo Antônio a grande maioria dos jovens atualmente possuem o nível médio completo:

> A educação pode não ser a única alternativa para sustentar o homem no meio rural, mas com certeza é um forte elemento para que isso aconteça[...]A escola (só) não fixa os trabalhadores no campo, mas se coloca como uma importante ferramenta neste contexto; e) o fim das comunidades rurais tem uma relação estreita com o fechamento das escolas. (PEROPOLLI, 2011, p.2)

A escola acaba sendo o local de grande aprendizado para a população que vive nessa comunidade. O professor das escolas do

interior acaba sendo o líder daquele espaço. Com o fechamento dessas escolas a comunidade fica sem liderança e ocorre a desmotivação da permanência na mesma, principalmente por parte dos jovens. Ao falarmos de juventude rural temos que considerar as suas especificidades e a sua pluralidade, ou seja, assim como nenhuma cidade é igual, o mesmo acontece com o campo, cada lugar possui as suas características, as suas mazelas e seus pontos positivos.

No município de Santa Rosa de Lima, com pouco mais de 2000 habitantes, temos jovens que são considerados urbanos, pois segundo os critérios do IBGE, tais jovens residem dentro do perímetro urbano e os demais que não estão dentro dessa área são considerados rurais. Porém, essa delimitação não condiz muito com a realidade vivenciada no município, pois são poucos os casos de jovens e/ou suas famílias que mesmo morando no centro da cidade não possuem uma relação cotidiana com o campo. Seus pais moram no centro mas possuem alguma propriedade, ou um pequeno sítio nas comunidades do interior. Porém, mesmo sendo um pequeno município rural onde a grande parcela da população reside no campo, sua população é pluriativa.[3]

Ao falarmos dos jovens de Santa Rosa de Lima, percebemos que não existem diferenças entre os do campo e os do centro da cidade, mas ao analisar mais a fundo percebe-se que as diferenças estão postas. Os jovens do campo carregam consigo uma história de discriminação e preconceito. Embora nos dias atuais não seja um fator mais tão recorrente, ainda percebe-se muitas vezes, através de olhares, a inferioridade dos jovens das comunidades do interior em relação aos jovens da cidade. A pesquisa busca conhecer os jovens da comunidade de Rio Santo Antônio, comunidade do interior do município, distante

[3] Pluriativa: Entendida como a expressão de inúmeras formas de trabalho, sobretudo combinações entre trabalhos agrícolas com outros do ramo industrial, fora ou dentro da propriedade, com uma outra fonte de renda, o que implica mobilidade, desempenho de outras tarefas que não os agrícolas, combinações de desenho familiar com a dinâmica espaço-temporal e funcional da lógica econômica e produtiva industrial. É importante dizer que há muitas controvérsias entre as noções que incorporam conceitos parecidos. A pluriatividade que ocorre no meio rural refere-se a um fenômeno que pressupõem a combinação de pelo menos duas atividades, sendo uma delas a agricultura. (SCHNEIDER, 2006)

a 17 km do centro. O foco da pesquisa é entender o processo de migração dos jovens da comunidade em direção a cidade, sob as perspectivas e olhares dos que permaneceram na comunidade.

### 2.3 Migrações juvenis

O ambiente rural está cada vez mais presente em discussões sociais, seja por oferecer um grande atrativo turístico, como é o caso do município de Santa Rosa de Lima, seja pelo fato de atender as demandas da sociedade em fornecimento de alimentos tanto para a população rural quanto para a urbana. Porém, um dos grandes debates de hoje em dia é em torno das sucessões familiares, o ambiente rural está cada vez mais "envelhecido" e as sucessões cada vez mais raras, pois os jovens não querem mais permanecer no campo.

Existem várias pesquisas que relatam sobre as relações entre campo e cidade, sabendo que ambos possuem interdependência um com o outro. Não vivemos em ambientes isolados e não podemos afirmar que a cidade poderá viver sem o campo e nem o campo sem a cidade. Ambos possuem interações que os interligam e as interdependências são oriundas de ligações em muitas vezes históricas.

O campo, muitas vezes, é visto como um lugar marginalizado, atrasado em aspectos ligados a tecnologia e desenvolvimento, onde só existe agricultura. Porém, o campo não é essencialmente agrícola e as discussões devem ir muito além dessas perspectivas. Não pode-se dizer que o campo seja apenas um lugar de trabalho, esse espaço possui múltiplas facetas a serem exploradas, não podendo se ter uma visão única sobre o mesmo espaço. Para Philo, 1992; Murdoch, Pratt, 1993, apud Stropasolas 2006:

> Para pensar o espaço rural deveriam ir além das preocupações agrárias tradicionais, restritas aos processos produtivos agrícolas e abraçar as representações e processos que caracterizam a população rural e refletir sobre a noção de ruralidade na sociedade contemporânea. (p.31)

Aos jovens do campo sempre fica a difícil escolha, sair ou ficar. Muitas vezes, os jovens não têm opção e são colocados em situações em que são praticamente forçados a tomarem essa decisão. O jovem, muitas vezes, não pretende sair do campo, mas as condições as quais ele é submetido, como trabalho pesado, pouca valorização do seu trabalho, conflitos familiares e o incentivo da mídia e da própria escola o impulsiona a conhecer outros espaços, abandonando as comunidades rurais. Castro (2009), em seus trabalhos relata essa difícil escolha que os jovens são obrigados a tomarem:

> A juventude rural no Brasil é constantemente associada ao problema da "migração do campo para a cidade". Contudo, "ficar" ou "sair" do meio rural envolve múltiplas questões, onde a categoria jovem é construída, e seus significados, disputados. A própria imagem de um jovem desinteressado pelo meio rural contribui para a invisibilidade da categoria como formadora de identidades sociais e, portanto, de demandas sociais. (p.4)

Atualmente uma grande parcela da população do campo já não vive nele, ou principalmente não sobrevive de atividades desenvolvidas no mesmo. A cada ano, o esvaziamento do campo torna-se mais evidente, fato esse que acarreta muitas vezes nos deslocamentos dos mesmos em direção as cidades. A grande maioria dos jovens moradores de áreas rurais que acabam migrando em busca de novas oportunidades de emprego e renda buscam na cidade muitas vezes a estabilidade financeira que campo não consegue oferecer. Porém, quando chegam nas cidades acabam encontrando uma realidade totalmente desfavorável daquelas perspectivas que eles tinham quando decidiram mudar o rumo de suas vidas. A realidade que o jovem do campo encontra muitas vezes nas cidades é a mesma falta de oportunidade que ele tinha no rural, e entrando na maioria dos casos na lista de pessoas desempregadas no meio urbano. As pessoas que acabam saindo do campo, na maioria são do sexo feminino. Essa constatação, muitas vezes, se deve ao fato das mulheres serem mais escolarizadas e também não se identificarem com as atividades desenvolvidas na área rural. As mulheres também acabam encontrando nas cidades emprego com maior facilidade. Isso ocorre em algumas empresas e também em trabalho doméstico na casa das pessoas. As pesquisas feitas por Hartwig (2001), relata o

deslocamento dos jovens para a cidade e problemas enfrentados nessa escola:

> O movimento de migração campo-cidade implica no deslocamento de famílias de agricultores e principalmente os jovens para os centros urbanos, atualmente. No entanto, tais trabalhadores não são absorvidos pelo mundo do trabalho na mesma proporção em que são expulsos do campo. Um estudo do Ipea (1999) mostra que as mulheres são maioria entre os que deixam o campo. Enquanto nas cidades elas representam 51,5% da população, no campo elas constituem 47,6%. Esse fenômeno ocorre, segundo o Ipea, porque as mulheres jovens encontram empregos mais facilmente nas cidades, tanto em empresas como em residências. (P.3)

Muitas vezes, os jovens saem do campo e acabam enfrentando na cidade problemas mais agravantes que os ocorridos no próprio campo. Ao caírem nos centros urbanos se deparam com a falta de emprego e renda. O que na maioria dos casos acaba acontecendo é a falta de planejamento e investimento na sociedade, os jovens saem pelas condições adversas que se encontram. De forma geral, os jovens saem do campo por não terem grandes oportunidades e ao chegarem na cidade, muitas vezes, essas oportunidades acabam não existindo também.

O jovem quando sai do campo acaba sendo apenas mais um na cidade e acaba na maioria dos casos somando-se as pessoas que vivem nas periferias. Isso agrava os problemas sociais tanto no campo quanto na cidade. No campo a migração juvenil causa um esvaziamento e envelhecimento populacional. Já na cidade o problema é o contrário, ocorre um grande aumento da população morando nas favelas e periferia.

Os jovens rurais que se destinam para as cidades muitas vezes são os jovens que possuem pouca escolarização em relação à população urbana e ao chegar nas cidades acabam não encontrando um trabalho adequado. Nas cidades é muito mais difícil isso acontecer. Infelizmente uma pessoa com pouca escolarização acaba não conseguindo uma boa atividade produtiva, pois com o grande

número de pessoas a concorrência acaba sendo muito grande e quem não possui as qualificações necessárias acaba ficando desempregado. Em decorrência desse fator os jovens que saíram de suas casas lá no interior por causa dos problemas enfrentados no campo, acabam indo para as cidades enfrentando condições ainda piores. Um fator determinante nessa caminhada é a escolarização, pois quanto menos escolarizados ou com uma especialização menores são as chances de conseguir êxito nas suas escolhas.

Para Gonçalves (2009), a educação é um fator determinante para perder o estigma do campo ser um local atrasado e a escola é essencial nesse processo:

> Por isso, a escola precisa ser um instrumento de preparação do sujeito para a permanência no espaço rural, e não para o contrário, como temos visto. A escola do campo precisa ter uma proposta política pedagógica voltada para a valorização das especificidades da vida neste contexto, tendo os educandos como partícipes da construção e transformações das condições de vida no meio rural. Estas transformações não significam trazer a urbanização para o espaço rural, mas sim, trazer condições dignas de sobrevivência no que diz respeito ao atendimento das necessidades básicas da vida humana como saúde, educação, saneamento básico, dentre outros, e possibilitar o acesso à informação e inserção no mundo tecnológico e globalizado atual. (P. 8)

O ambiente escolar pode ser uma forma de reforçar os laços do jovem do campo com o próprio campo. A escola pode auxiliar o estudante jovem a perceber o campo não apenas como um local onde se trabalha com a agricultura e seus derivados, mas que podemos desenvolver mais práticas de trabalho que não necessariamente envolvam somente a agricultura.

A escola pode ser uma ferramenta de valorização do rural, onde os alunos podem e devem trabalhar através das perspectivas do próprio campo e que ele não está desligado do mundo. Ela pode ser uma forma de fazer com que o jovem permaneça no campo e ofereça

a ele subsídios para que ele possa permanecer, mas com potencialidades para poder crescer.

São necessárias políticas públicas que façam com que haja oportunidades dos jovens permanecerem no campo. O campo precisa perder o estigma de lugar atrasado e que só se produz alimento. A escola é um dos locais onde podemos começar a mudar essa visão e conduzir para uma realidade onde quem vive nesse ambiente, possa viver com uma boa qualidade de vida, o campo como a cidade precisam cada dia mais de atenção e reconhecimento por suas potencialidades e de incentivos para mudar suas mazelas.

Uma das formas de valorizar o campo e as suas atividades é a agricultura familiar, em que a família com a sua mão própria força de trabalho faz a sua propriedade funcionar. A agricultura familiar estimulada contribui para que o campo tenha as condições dignas para os sujeitos viverem. As posturas adotadas por algumas instituições presentes no meio rural exercem forte influência sobre melhores perspectivas para esse ambiente, como no caso das escolas, igrejas e também das próprias famílias.

### 2.4 Sucessão e envelhecimento do campo

O espaço rural atualmente é ocupado na sua maioria por homens. As mulheres principalmente as mais jovens, não veem perspectivas de permanência nesse espaço. Muitas vezes, nem as famílias acreditam ou até as incentivam a permanecerem, pois acreditam que na cidade poderão obter maiores êxitos no seu futuro. O recente desenvolvimento de novas oportunidades, como aumento da escolaridade, leis trabalhistas mais favoráveis às mulheres no campo não conseguiu avançar em relação aos salários baixos em relação aos homens, ao trabalho forçado, à discriminação por ser do rural, entre outros. Com a saída em grande parte das jovens, o campo torna-se um espaço masculinizado. Elas acabam saindo pelo fato de não se identificarem ou terem menos contato com as atividades desenvolvidas nas áreas rurais e também pelo fato de serem alvo de controle moral excessivo por parte da família e da comunidade. Desde pequenos os meninos, além de gozarem de maior liberdade do que as meninas, são mais direcionados às tarefas do campo, como cuidar dos

animais, buscar lenha etc. Já as jovens acabam ficando restritas ao espaço doméstico com as tarefas de casa.

> A vigência de problemas estruturais na sociedade rural, as desigualdades sociais e a reprodução de padrões culturais com hierarquias de poder no seio da agricultura familiar são, assim, os principais fatores responsáveis pela saída das mulheres do campo. (STROPASOLAS,2006 P. 42).

O espaço rural hoje em dia possui muitas tecnologias. No município de Santa Rosa de Lima todas as comunidades do interior possuem atualmente acesso à internet gratuita e rede de celulares. Os jovens rurais não estão mais deslocados do mundo como anteriormente, eles utilizam as mídias sociais para a diversão e muitas vezes vislumbrarem uma nova oportunidade de crescimento pessoal e profissional para mudar de vida, mesmo que para conseguir êxito nesse propósito seja preciso sair do ambiente de origem, o campo. Muitos jovens mesmo saindo do campo não perdem a ligação com o ambiente de origem, os laços acabam sendo eternos, mesmo que a volta ao ambiente de origem não aconteça oficialmente.

Com a saída dos jovens do campo, este espaço acaba sendo um local onde é de grande dificuldade na sucessão dentro das propriedades. Os filhos estão indo embora e os pais estão envelhecendo, com o passar do tempo a tendência é que as atividades agrícolas presentes naquele espaço se acabem. Com o envelhecimento dos pais e sem os filhos para tocarem a propriedade, esse afastamento acaba ocorrendo quando é chegada a hora da aposentadoria, pois a partir desse momento, já se possui uma outra renda, abandona-se ou diminui o ritmo das atividades agrícolas. De acordo com Maria *et all.* (2009), esse fato já vem ocorrendo no espaço rural desde os anos 90.

> A partir dos anos 90 houve uma significante mudança no quadro da previdência social do Brasil, seja pelo aumento do número de beneficiários ou pelos recursos repassados ao setor de aposentadorias e pensões. Por este direito adquirido pelas famílias rurais pode-se observar que a renda previdenciária tem uma grande participação na renda familiar rural. O que nos faz concluir que o envelhecimento da

> população rural é um fato que está ocorrendo no meio rural, e, está ligado diretamente ao aumento do benefício da aposentadoria como uma renda adicional aos agricultores familiares. (p.10, 11)

Com o envelhecimento do campo temos que conhecer os "sobreviventes" desse local, afinal quem são esses idosos? Como foi o processo de envelhecimento nessa comunidade? Existem diferentes formas de se tornar um idoso do campo. Esses idosos participaram efetivamente das mudanças ocorridos com o tempo no espaço rural, viram e vivenciaram com os próprios corpos, são atores principais desse processo. Afinal o que é ser uma pessoa idosa? Uma pessoa pode se tornar idosa em vários aspectos, de acordo com Doll (2012):

> A imagem da velhice e as atitudes em relação aos idosos em certo contexto social têm forte influência sobre a (auto) percepção e sobre o comportamento de pessoas idosas. [...], A velhice, tanto na delimitação etária quanto em relação ao significado desta faixa etária, é uma construção social que se baseia na ideia de uma idade produtiva e uma idade pós-produtiva. (p.400).

Partindo dessas constatações, a pessoa é considerada idosa ou velha quando deixa de ser produtiva. Sabe-se que essas pressuposições são direcionadas mais nos aspectos sociais. No meio rural os idosos atualmente são os sujeitos que permanecem efetivamente em maior número nas propriedades e ainda estão ativos, mas também são eles que acabam sofrendo com o processo de êxodo rural, pois com a saída de suas famílias e amigos acabam ficando isolados e sem ter muitas vezes com quem ter uma "prosa". Camarano e Abramovay (1999) apud Doll (2012) ao falarem sobre o êxodo rural, relatam essas questões.

> O êxodo rural teve um impacto especialmente problemático para a população idosa: muitos daqueles que ficarem no campo não só perderam seu trabalho e sua forma de existência, mas também perderam amigos e familiares que mudaram para a cidade,

> principalmente as gerações mais novas e as mulheres. (p. 402).

O campo atualmente vive um novo momento, com a saída dos jovens e consequentemente um número menor de nascimentos, o campo está num crescente número de idosos. Um aspecto a ser considerado com o aumento de velhos no campo é que aumentou também o número de aposentadorias. Atualmente, os idosos acabam tendo maior empoderamento dentro das famílias, pois com a ampliação do direito à aposentadoria, eles deixam de ser dependentes e se tornam provedores da renda familiar. Ainda segundo análises feitas por Doll (2012), dois pontos devem ser analisados sobre os idosos do campo, a religiosidade e o trabalho.

> O trabalho é um importante fator de identificação e constituição da pessoa, envolvendo relações com a sociedade, relações com o ambiente e relações consigo mesmo. [...], Trabalhando a pessoa idosa confirma ainda sua presença neste mundo; Porém, nem sempre existe espaço para seus conhecimentos, sua experiência e sua vontade de auto realização. [...], A religiosidade faz parte do cotidiano de grande parte dos idosos do campo, que mantém suas crenças, seus valores pessoais, sua espiritualidade, sua cultura. (p.408).

Ao falarmos das pessoas mais velhas certamente estaremos relatando a vida de pessoas que tem muitas histórias para contar, pois já passaram por muitas experiências e se constituem lendas vivas de uma comunidade ou município. Os velhos são a nossa história presente em carne e osso. Ser velho é usufruir de conhecimentos aos quais os mais jovens um dia ainda almejam alcançar. Para os jovens, os idosos são os grandes transmissores de saberes. Bosi (1994), em seu livro "Memória e Sociedade, Lembrança de Velhos", relata um pouco sobre o que é ser velho em nossa sociedade.

> O velho não tem armas. Nós é que temos que lutar por ele. Por que temos que lutar pelos velhos? Porque são a fonte onde jorra a essência da cultura, ponto onde o passado se conserva e o presente se prepara. [...], A

> sociedade capitalista desarma o velho mobilizando mecanismos pelos quais oprime a velhice, destrói os apoios da memória e substitui a lembrança pela história oficial celebrativa. [...], Em nossa sociedade ser velho é lutar para continuar sendo homem, é sobreviver. (p. 18)

O que podemos fazer pelos nossos velhos? Podemos lutar para que todos os seus direitos sejam garantidos, que possam ter uma vida digna, que não sofram nenhum tipo de represália ou preconceito, que seja memória seja preservada, para que a história de nossos locais tenha seus representantes vivos e ativos. Temos que lutar pelos nossos velhos, pois um dia também seremos. A memória dos nossos velhos é carregada de sentimentos e emoções, a memória traz consigo os bons momentos da vida, as travessuras juvenis e também os acontecimentos não muito agradáveis. Os velhos carregam em suas lembranças todo um passado vivido e fazem o possível para que essas memórias não sejam esquecidas. Segundo Bosi (1994):

> Um verdadeiro teste para a hipótese psicossocial encontra-se no estudo das lembranças das pessoas idosas. Nelas é possível verificar uma história social bem desenvolvida: elas já atravessaram um determinado tipo de sociedade, com características bem marcadas e conhecidas; elas já viveram quadros de referência familiar e cultural igualmente reconhecíveis: Enfim, sua memória atual pode ser desenhada sobre um pano de fundo mais definido do que a memória de uma pessoa jovem, ou mesmo uma pessoa adulta, que, de algum modo, ainda está absorvida nas lutas e contradições de um presente que solicita muito mais intensamente do que uma pessoa de idade. [...], Bem outra seria a situação de velho, do homem que já viveu sua vida. Ao lembrar o passado ele não está descansado, por um instante, das lides cotidianas, não está se entregando fugitivamente às delícias do sonho: ele está se ocupando consciente e atentamente do próprio passado, da substância mesma da sua vida. (p.60).

Os idosos e principalmente aqueles oriundos das zonas rurais, além de ser a memória viva das comunidades do interior, são também os grandes guardiões das tradições presentes nesses locais. Com o afastamento dos jovens das comunidades em direção as cidades, além do esvaziamento físico do campo, temos também um êxodo de culturas e tradições. Os idosos são os transmissores nesse processo, mas com o meio rural se tornando com cada vez menos jovens, esses conhecimentos acabam se perdendo no tempo quando os mesmos vierem a falecer. Bosi (1994), ainda no seu texto traz, a questão da transmissão por parte dos idosos da cultura e tradições daquele local, relatando as diferenças existentes nas diferentes sociedades.

> Nem toda a sociedade espera, ou exige, dos velhos que se desencarreguem dessa função. Em outros termos, os graus de expectativa ou de exigência não são os mesmos em toda a parte. O que se poderia, no entanto, verificar, na sociedade em que vivemos, é a hipótese mais geral de que o homem ativo (independentemente de sua idade) se ocupa menos em lembrar, exerce menos frequentemente a atividade da memória, ao passo que o homem já afastado dos afazeres mais prementes do cotidiano se dá habitualmente à refacção do seu passado. (p.63)

Os idosos hoje em dia são atores ativos no meio rural. Com o processo de envelhecimento do campo, os idosos tendem a mostrar que ainda estão ativos e que podem produzir. Um fator grave para o envelhecimento do campo é a sucessão dentro da própria propriedade que compromete a sobrevivência das comunidades rurais a longo prazo.

Ao discutir sobre o envelhecimento presente no campo, Fatima (2013, p.15), descreve em seu trabalho que "há existência de muitas velhices na sociedade atual. A velhice no campo é diferente da velhice da cidade e, em cada um desses meios, a velhice se difere conforme os lugares, os aspectos sociais e econômicos ou mesmo a posição que se ocupa". Então o processo de envelhecimento no campo se diferencia da cidade, e nos diferentes locais existentes, pois cada um possui sua própria história, com característica diferentes, o que pode

ser um problema em um local, pode não ser em outro, mas acima de tudo, a questão da velhice e dos jovens é uma de classe, ela é social.

O processo de envelhecimento e sucessão do campo também está presente na comunidade onde resido Santa Rosa de Lima. Por isso, analiso o processo de migração dos jovens para a cidade, da comunidade de Rio Santo Antônio, localizada no interior do município. A pesquisa tem como foco conhecer as visões e percepções dos jovens e idosos que decidiram permanecer no campo, relatando as suas experiências e olhares sobre a juventude rural.

# 3. A PERCEPÇÃO DOS JOVENS E DOS IDOSOS SOBRE A MIGRAÇÃO JUVENIL NA COMUNIDADE DE RIO SANTO ANTÔNIO

## 3.1 Caracterização da comunidade e dos sujeitos da pesquisa

Nesse capítulo, busco caracterizar os jovens e os idosos e a própria comunidade de Rio Santo Antônio, Santa Rosa de Lima, SC, público alvo de minha pesquisa sobre a migração juvenil no campo. O objetivo desse capítulo é entender o processo de migração dos jovens do campo em direção à cidade tendo como público alvo os jovens da comunidade de Rio Santo Antônio. Analiso a questão da migração sob o olhar dos jovens e dos idosos que decidiram permanecer no campo.

A comunidade de Rio Santo Antônio está localizada a 17 km do centro do município de Santa Rosa de Lima, uma típica comunidade do interior, onde seus moradores são pequenos agricultores familiares, que dela tiram o seu sustento. A economia local é voltada para a produção de alimentos, gado de leite e corte, extração de madeira, e carvão vegetal de eucalipto, sendo a atividade que mais gera renda a atualmente.

A comunidade apresenta a realidade vivida pelo campo de modo geral, onde o processo de migração ocorre de forma cada vez mais rápida. A comunidade foi se tornando uma das mais fortes do município devido ao grande número de serrarias presentes nesse espaço que chegou a ter 70 famílias. Atualmente esse número não passa de 27 famílias. A migração tem se intensificado e Rio Santo Antonio passou a ser uma das que menos tem expressão econômica dentro do próprio município.

Os jovens, principais sujeitos da pesquisa são os que mais migram da comunidade que atualmente possui 19 crianças de 0 a 12 anos frequentando a escola, 22 jovens de 15 a 29 anos, com escolaridade na sua maioria de ensino médio completo e 14 idosos acima de 60 anos, tendo cursado apenas a 4ª série primária.

Com os fortes atrativos que a cidade oferece e com as presentes dificuldades enfrentadas pelo campo, os jovens são os sujeitos que

mais se afastam do campo tanto em Santa Rosa de Lima de modo geral como também acontece na comunidade de Rio Santo Antônio.

Para entender todos esse processo por trás da migração dos jovens da comunidade, entrevistei 4 jovens moradores da comunidade que até o presente momento da entrevista decidiram permanecer na comunidade. Com o processo de afastamento dos jovens do campo os idosos se tornam os atores principais do local, pois acabam sendo os únicos que permanecem nas comunidades rurais.

O primeiro passo depois de decidir a quantidade de jovens e idosos a serem entrevistados, foi a escolha desses entrevistados. De todos os 22 jovens e 14 idosos presentes na comunidade, tinha o desafio de selecionar aqueles que representassem em parte os idosos da comunidade. A escolha se deu por jovens e idosos da comunidade que tinham características diferenciadas. Dos idosos da comunidade selecionei dois homens e uma mulher para realizar a entrevista, ambos moradores da comunidade que até o presente permanecem na comunidade, mas que boa parte de suas famílias já migraram. Eles estão na faixa dos 60 anos. A primeira idosa entrevistada (A)[4] tem 66 anos, casada, mãe de três filhas mulheres e vários netos, atualmente apenas ela e seu esposo permanecem na comunidade, pois sua família aos poucos foi se deslocando para a cidade. O segundo (B), tem 69 anos casado, pai de 5 filhos e vários netos. Sempre viveu na comunidade, seus filhos e netos estão divididos entre o campo e a cidade. O terceiro entrevistado (C), tem 65 anos, casado e pai de 7 filhos e vários netos também. A sua família encontra-se a maioria na comunidade, mas alguns se deslocaram para a cidade. Dos três entrevistados idosos, todos possuem escolarização até 4ª série do ensino primário.

Para a escolha dos 4 jovens que representariam os demais que permanecem na comunidade de Rio Santo Antônio, a escolha se deu por aqueles que apresentassem diferenças entre os mesmos. Dos jovens selecionados duas são mulheres e dois homens. A primeira jovem (A) tem 21anos, mora com seus pais e irmão mais velho, possui nível universitário completo, é formada no curso de Tecnologia em Processos Gerenciais, cursado na modalidade à distância. Mesmo após a conclusão do curso ainda permanece na comunidade, mas vê

[4] Os entrevistados serão descritos através de letras, não será divulgado o nome dos mesmos.

possibilidades de sair no futuro. O segundo jovem (B), 29 anos, casado, possui uma filha pequena, mora em casa própria, apresenta ensino médio completo, sempre trabalhou nas atividades da agricultura, formou família jovem e sua mulher mudou-se para a comunidade. O terceiro jovem (C), tem 21 anos, mora com seus pais, também já tem o ensino médio completo, e decidiu continuar no campo tocando a propriedade com os seus pais. A quarta jovem (D)[5], a mais nova dos entrevistados, possui apenas 17 anos, acabou de terminar o ensino médio. Entre os quatros entrevistados, está última representa os jovens que por mais que queiram permanecer no campo, acabam sendo "obrigados" a saírem para as cidades, pois recentemente teve que sair da comunidade para poder cursar Farmácia e, como seu sonho sempre foi continuar os estudos, acabou tendo que se deslocar. A escolha por esses entrevistados se deu pelo fato de serem moradores do mesmo local, estarem na faixa etária juvenil e apresentam diferentes nuances: um jovem já formou família, a outra já possui curso superior, o outro decidiu não estudar, mas continua na comunidade, e a última por que recente saiu, mas ainda tem fortes laços com o campo.

As entrevistas que ocorreram entre os dias 15 e 30 de abril de 2016. Para a realização foi preparado uma lista com questões chaves, para poder partir de algum ponto de referência, sendo uma entrevista semiestruturada. O local para a realização da mesma foi a casa dos próprios moradores, onde marcamos horários nos quais os entrevistados teriam disponibilidade de ter uma conversa sobre a vida deles na comunidade e a discussão da migração juvenil presente na mesma. Todas as entrevistas foram gravadas com a autorização dos próprios entrevistados, previamente avisados. Posteriormente foram transcritas e selecionadas as falas que apresentaram maior contribuição para a pesquisa. De modo geral, todos os entrevistados se disponibilizaram a contribuir com o andamento da pesquisa e se mostraram interessados em conhecer os resultados obtidos, contribuindo significativamente para compreender "A migração Juvenil na comunidade de Rio Santo Antônio".

[5] Apesar do foco da pesquisa serem os jovens e idosos que permanecem na comunidade, a escolha da entrevistada (D) se deu pelo fato dela ainda apresentar laços fortes com a comunidade pesquisada, e pela dificuldade de encontrar outra jovem com as características desejadas na pesquisa.

### 3.2 Percepção dos jovens sobre a migração

Para iniciar a discussão, comecei perguntando para os jovens, Como é ser jovem em Rio Santo Antônio? Se gostavam da comunidade? Esse foi o começo das discussões e que já revelam as visões que os mesmos possuem do local aonde moram. Ao falar sobre a comunidade todos relatam que é um local tranquilo de viver, não tem barulho, mas ao mesmo tempo, fica distante de tudo. Para a jovem (D), a comunidade apresenta essas diferentes nuances.

> Ser jovem aqui no Rio Santo Antônio é bem mais tranquilo, é ruim se tu precisar estudar por que é mais distante e tem que sair, mas a questão da tranquilidade, da qualidade de vida aqui é melhor, vai viver mais tranquilo, não te aquele estresse, se tem um serviço você faz tranquilo do que se está na cidade que tem que dar conta, tem horário é mais tumultuado. Aqui tem uma qualidade de vida melhor por que vive mais sossegado. (Jovem D, 17 anos).

Para o jovem (C), ser jovem em Rio Santo Antônio é como ser de qualquer outro local, pois hoje em dia o campo já possui as mesmas condições que a cidade, então não vê essa diferença entre os mesmos:

> Ser jovem em rio santo Antônio é como ser em qualquer outro lugar, não tem diferença nenhuma em ser daqui ou de outro lugar, hoje ser jovem aqui é mesma coisa que ser um jovem na praça tem acesso a tudo. O jovem daqui tem as mesmas condições que um outro de qualquer lugar, tem acesso a tudo, internet, sinal de telefone, tem tudo hoje. (Jovem C, 21 anos)

Dando sequência nas perguntas, os jovens foram relatando como eles veem a comunidade e se ela apresenta as necessidades de um jovem, como lazer, trabalho, educação, entre outras atividades do interesse dos mesmos. A grande maioria relatou que apesar da boa qualidade de vida e um bom lugar para se viver, para os jovens o que mais está faltando é o lazer, muitas vezes os mesmos tem que sair da comunidade para se divertir com os amigos, um fato preocupante, pois os jovens, principalmente os rapazes, possuem o espírito de

aventureiros, ao se deslocar, geralmente de moto, acabando deixando seus pais preocupados. A partir do debate propiciado pela entrevista foram aparecendo outras questões que os mesmos apontam com fragilidades que a comunidade de Rio Santo Antônio apresenta para como os jovens, a maior delas é a falta de incentivo com os jovens do campo.

> Aqui na verdade só falta um pouco mais de lazer, mais o resto, falta um pouco de incentivo na comunidade, o resto está de bom tamanho. Falta investimento nos jovens do interior, em questão de lazer os jovens do interior são deixados um pouco de lado em relação aos da cidade, em relação ao trabalho na agricultura é pesado, mas em questão de sobrevivência está melhor que na cidade. (Jovem C, 21 anos)

Esse pensamento também é compartilhado pela jovem (D), a mais nova dos quatro entrevistados, mas que possui um bom entendimento do seu meio de vivência e demonstra através de suas palavras a falta de incentivo aos jovens rurais e especialmente os oriundos da comunidade de Rio Santo Antônio.

> Os jovens do interior deveriam ter mais incentivos do governo, ter mais projetos para incentivar a continuar com as atividades daqui né, de repente se tivesse um projeto que financiasse atividades pro jovem ia ser interessante, desenvolver coisas aqui. Um pouco é falta de incentivo para continuar aqui, porque as vezes não dá mais de continuar porque não tem mais atividades aqui, e não dá muitas vezes de continuar o que os pais estão fazendo, essas atividades não estão sendo mais valorizadas, se tivesse mais incentivos ajudava a ficar. (Jovem D, 17 anos)

Os jovens também relatam a desunião presente na comunidade, em que muitas vezes os jovens não são valorizados nas atividades que desempenham e nas suas decisões. Essa desvalorização está presente na fala de uma entrevista e mostra o quanto muitas vezes

o jovem precisar provar, para a sua família, comunidade, no seu trabalho que ele possui potencial e que ele merece uma chance. Essa falta de credibilidade que se dá para muitos jovens acaba por o tornar mais "rebelde", só que as vezes a rebeldia é apenas um chamar de atenção.

> Vejo a comunidade hoje como um lugar que não se dá muita importância para os jovens. Basicamente não temos opções de lazer, o jovem gosta disso, de se divertir, de ter algo para fazer, de sentir útil. (Jovem A, 21 anos)

Vivendo muitas vezes em um meio onde não se tem oportunidades e as suas escolhas e posições não são aceitas, cabe a difícil escolha de sair ou permanecer. Essa escolha vai aparecendo para os jovens pesquisados como algo atrativo, porém muitos também analisam as condições adversas que poderão enfrentar ao sair de suas casas. A instabilidade e a vida sofrida pelos povos da cidade são fatores que acabam deixando os jovens do campo na difícil escolha de suas vidas.

> Toda decisão é algo difícil, então decidir sair ou ficar em um local para mim é difícil. Para mim se sair daqui vou ter mais acesso as coisas, vou ter possibilidade de trabalhar em algo que não exige tanta força, pois a agricultura é um serviço pesado. (Jovem A, 21 anos)

Os jovens entrevistados falam que são muitos os casos em que os mais novos não querem mais "pegar no pesado", como relata o jovem (C) "Hoje os jovens saem daqui por causa do serviço pesado", que os jovens de hoje em dia são mais ligados nas tecnologias e isso tinha que estar mais presente no meio rural.

> Muita gente sai daqui porque não tem opção de serviço. Os jovens estão indo para a cidade por causa da vida boa, oito horas de serviço, salário vem todo final do mês, tem direitos, férias tem tudo, aqui tu não tens nada, se suar a camisa, trabalhar bastante você ganha bem, mas se der uma "cagada", e não ganhar nada naquele mês ou até perder por cima. (Jovem B, 29 anos)

Aos olhos de muitos jovens a cidade apresenta o seu atrativo, além da diversão, outro ponto muitas vezes considerado é a jornada de trabalho, no campo se trabalha muito de sol a sol, na cidade são oito horas diárias com todos os benefícios trabalhistas adquiridos. Esse fator acaba sendo importante para a escolha de migrar para as cidades. Para os jovens o trabalho do campo apresenta diversas nuances, ao mesmo tempo que é um trabalho duro, com exposição ao sol, pouca remuneração e reconhecimento, por outro o campo hoje em dia não é apenas um local de trabalho pesado, existem outras possibilidades, mas na comunidade pesquisada são poucas as opções de trabalho e isso pesa para a escolha de sair ou ficar, mas segundo os jovens entrevistados, precisa-se incentivar e dar condições para os jovens ficarem.

> O jovem para começar uma atividade ele precisa de dinheiro, tem que ter capital para investir. Seu pai trabalha na atividade o filho vai tentar fazer melhor, em casos os pais também não dão liberdade para os filhos trabalharem, comigo não teve isso, desde de pequeno trabalho pra mim, o pai me deu um pedaço de terra e disse "vai lá e faz o que quiser fazer lá". (Jovem B, 29 anos)

Nos trabalhos realizados no campo a carga maior fica com os jovens, as jovens moças ficam mais destinadas aos trabalhos da casa, mas também ajudam nas roças. Em Rio Santo Antônio, as moças e os rapazes desde pequenos acabam ajudando seus pais nas atividades da agricultura. Para Stropasolas (2006):

> Para os filhos(as) de agricultores familiares que permanecem junto às suas famílias, no "interior", as experiências propiciadas pelos jovens que já saíram das comunidades rurais fazem aflorar alguns conflitos em relação à decisão de ir ou ficar. Neste processo, o pêndulo oscila constantemente, arrastando as representações construídas, seja visando questionar o vivido e sair, seja para justificar a permanência, pelas dificuldades de migrar. Ilustrando este fenômeno com toda a riqueza do conflito. (p.224).

Em relação ao futuro da comunidade a opinião dos jovens são divergentes, enquanto alguns acreditam que em pouco a comunidade será esvaziada, para outros, grande parte desses jovens futuramente ainda voltarão para a comunidade. As possibilidades são muitas, a saída não significa um rompimento definitivo com as suas raízes, mas sabemos que a volta acaba se tornando algo mais difícil. As reivindicações dos jovens colidem com os problemas do espaço rural, ambos acabam sendo um estímulo para o jovem sair do campo. Os jovens entrevistados relatam essas diferentes nuances presentes no campo e na comunidade.

> Com o tempo, além dos jovens, os mais velhos também vão sair, quantas casas tem paradas no Santo Antônio, isso é um absurdo, isso vejo em um futuro próximo, por que a juventude não fica, vai tudo embora, os velhos vão morrer ou não vão poder mais trabalhar, não tem mais gente para pegar uma propriedade, o pai não pode mais, não um filho que vai assumir, não tem mais. (Jovem B, 29)

O outro jovem rapaz (C) de 21 anos possui a opinião contrária, acreditando que muitos que já saíram ainda irão voltar, com as dificuldades enfrentadas na cidade, a volta ao campo torna-se uma opção favorável.

> O meu pensar no futuro é continuar aqui, toca com a minha família o que eu construí aqui. Eu acho que futuramente vai ter mais jovens na comunidade, porque hoje a vida na cidade está mais difícil que no campo, o pessoal vai querer voltar mais a querer investir no campo. (Jovem C, 21 anos)

Os moradores atuais na comunidade são filhos e netos dos idosos que vivem na comunidade e que um dia também já foram os jovens do local. Ao relembrar a história de seus avós, os entrevistados relatam as boas histórias contadas, mas também os tempos difíceis enfrentados pelos mais velhos. Todos os entrevistados relatam que mantém uma boa relação com as pessoas mais velhas das famílias, e

que utilizam as vivências de seus avós com herança viva e pretendem seguir os ensinamentos proporcionados pelos mesmos.

> A minha relação com meus país e avós é boa, a gente só ter a aprender, porque eles já viveram, já passaram por bastante coisa, daí tem valorizar o conhecimento que eles têm também ajuda e muito, porque não adianta só ficar pensando daqui para frente, pois tudo que eles falam é por que tiveram experiência, acho que tem valorizar todos os conhecimentos que eles têm. (Jovem D 17 anos)

> A semelhança entre a juventude dos meus avós e a minha é mais o gosto pela atividade mesmo, gosta do que faz, do que vai fazer, ter visão do futuro e as diferenças é o modo com que trabalhava, hoje já está tudo diferente. (Jovem C, 21 anos)

A vida em uma comunidade do interior atualmente para os jovens em muitos locais não apresenta as reais necessidades que eles necessitam para viver a sua juventude com dignidade, dos 4 jovens entrevistados, os dois rapazes pretendem permanecer na comunidade, só saem se as condições de sobrevivência piorarem muitos e forem insustentáveis. Em relação as moças, uma acabou de sair mas ainda apresenta laços com a comunidade e depois de se formar em Farmácia, pretende desenvolver alguma atividade na comunidade, a outra acredita que sairá da comunidade, pois acabou de se formar e pretende exercer a profissão, esse fato remetem o que as pesquisas utilizadas na revisão bibliográfica já indicam, a saída das moças do meio rural. De modo geral, todos permaneceram com as suas vidas ligadas a comunidade de Rio Santo Antônio e se tivessem as oportunidades de trabalho e lazer que necessitam não sairiam.

> Como já sai a gente não sei o que vai vir daqui para a frente, daqui a pouco consigo uma oportunidade agora de fazer outra coisa, como estou estudando de repente alguma coisa para a profissão quem sabe vai ajudar também, mas eu pensava em continuar aqui, de talvez achar uma atividade para continuar. (Jovem D,17 anos)

> Se der pretendo morar sempre aqui, se eu ver que vai dar de viver aqui, se o leite continuar no preço está não acompanhando o trato, vou ter que sair, arrumar um emprego na praça e desistir de tudo, se não melhorar vai ter que parar por que está difícil. (Jovem B, 29 anos)

O futuro dos jovens da comunidade ainda é incerto, como de todos os jovens do Brasil, não uma realidade apenas da comunidade de Rio Santo Antônio, mas todos estão lutando para que seus sonhos se realizem, sejam eles no campo ou na cidade. Os jovens como qualquer outra pessoa devem ter o direito de escolha, sendo ficar no campo ou ir para a cidade, mas seja em qual delas, tem que possuir apoio de suas famílias e subsídios para realizar as suas escolhas com dignidade.

### 3.3 A migração sob o olhar dos idosos

Os idosos do campo são a memória viva das comunidades dos nossos interiores. Certamente na comunidade de Rio Santa Antônio, eles são os grandes guardiões de nossas tradições e de histórias vividas pelos mesmos e por seus antepassados. São também as pessoas mais velhas da comunidade que sentiram e sentem na pele as mazelas sofridas pelos povos do campo. Na comunidade pesquisada, Rio Santo Antônio, Santa Rosa de Lima, os idosos entrevistados representam as pessoas que mesmo enfrentando todos problemas do dia-a-dia do campo, decidiram permanecer. O objetivo de entrevistar os idosos da comunidade para entender o processo de migração, foi descobrir os sentimentos e as percepções dos idosos sobre o processo de migração juvenil presente na comunidade.

Para iniciar a conversa com os idosos, começo fazendo uma relevância ao tempo em que eram jovens. Que histórias da sua juventude recordam com grande satisfação? Os entrevistados relatam a vida simples, que participavam de festas nas comunidades vizinhas e também na própria comunidade, que as festas aconteciam geralmente uma vez por ano em cada comunidade, eram denominadas de “domingueiras” pois geralmente ocorriam aos domingos à tarde. Para ir as festas ia-se a pé e em um grupo de amigos. Fazia-se a festa nas casas dos próprios moradores, pois até um determinado tempo não possuía espaço físico para a realização das mesmas. Além das festas

os jovens também iam a igreja e a frequência juvenil era muito maior que atualmente.

> No nosso tempo não existia grupo de jovens, o que existia aqui no nosso tempo era festa de igreja, faziam domingueira naquele tempo, dançavam na casa dos outros, salão nos primeiros tempos aqui não tinha, os jogos de futebol também não. Para se divertir pedia a casa de um amigo fazia uma domingueira, eles aceitavam, arrumava um violão, uma gaita e dançava, fazia a festa ali. (Idoso B, 69 anos)

Todos os entrevistados consideram que tiveram uma boa juventude, apesar das dificuldades enfrentadas por eles e seus pais. Mesmo considerando as dificuldades, que eram muitas, como, por exemplo, andar longas distâncias a pé, ter um controle grande dos pais, principalmente as moças, que não podiam sair de casa sem estar acompanhadas. Os rapazes tinham um pouco mais de liberdade, mas nada comparado com a liberdade atual. Uma grande dificuldade era a questão financeira, ter um calçado só era possível quando tivesse maior, pois seus pais não tinham condições de dar. Esses sentimentos estão expressos nas falas dos entrevistados.

> Nós só tínhamos calçados quando tivesse de doze a treze anos, andava de pé no chão e para sair de casa não saia sem acompanhamento, com a mãe, com o pai e com os irmãos, não podia sair sozinha, naquele tempo não tinha de namorar e se ajuntar, era namorado um ano, dois, ou três, mas era sem ... era um namoro limpo, mal escasso uns beijinhos. (Idosa B, 66 anos)

> O ruim é que ganhar dinheiro era mais difícil e para a gente sair também, ir em um lugar era tudo mais a pé, naquela época quase não tinha carro, moto nem existia, o único transporte naquela época era para quem tinha era andar a cavalo, quem não tinha era a pé. (Idoso C, 65 anos)

Após relatarem as suas juventudes na comunidade, os idosos relatam a sua vida cotidiana atualmente, relatando como é ser idoso na

comunidade. Todos entrevistados ressalvam a vida tranquila que uma comunidade do interior proporciona. Para os idosos a vida no interior é bastante tranquila além disso ressaltam que a vida na comunidade hoje em dia está bem melhor do que quando eram jovens, possuem mais acesso a bens básicos, como saúde, educação, entre outros. Ser um idoso em Rio Santo Antônio atualmente é bem mais fácil do que era antigamente. Se uma pessoa precisa de um remédio, em caso de ficar doente, tinha que ir buscar a pé, ou a cavalo. Se o caso fosse grave poderia não haver tempo hábil. Atualmente, quase toda família já possui carro próprio, e o deslocamento pelas estradas que estão em condições bem melhores é muito facilitado. Com o passar dos tempos, houve transformações na comunidade, a melhoria ao acesso e a chegada dos carros proporcionou aos idosos e para toda a população o deslocamento para atender as emergências e também as necessidades presentes no dia-a-dia.

> Hoje ser idoso na comunidade é mais fácil do que naquela época, por que o velhinho que morava aqui, se precisasse ele ir em algum lugar, ver um remédio ele tinha que ir de a pé, e era tudo difícil por que ficava longe, ir daqui na Santa Rosa a pé, tudo barro, banhado na estrada, hoje a gente não vê uma pessoa andando a pé em uma estrada, se não tem um carro, o filho tem ou o vizinho tem. (Idoso C, 65 anos)

> Para mim a vida está tranquila, 66 anos vivendo tranquilo aqui no meu lugar, vivi esse tempo todo no mesmo lugar, nunca fiz uma mudança, 50 anos de casada, fez ontem, tenho orgulho da minha vivência, nunca deu problema nenhum graças a Deus, tenho meus 6 netos tudo com saúde, tenho um bisneto, sou muito tranquila com a minha vida. Eu não trocaria a minha vida aqui por uma vida lá na cidade, aqui está muito bom. (Idosa A, 66 anos)

Ao serem perguntados se veem diferenças e/ou semelhanças entre os jovens de hoje em dia como era quando eram jovens, todos os idosos relataram que a juventude atualmente está muito diferente. Nos relatos eles contam que os jovens de hoje possuem muito mais liberdade, que saem quando querem, sem pedir para os pais.

Antigamente não era assim, se fossem sair só com a permissão e acompanhamento dos pais ou irmãos. Segundos os idosos, atualmente os jovens usam essa liberdade para se perderem na bebida alcoólica e nas drogas, sem falar na falta de educação que muitos possuem. Além de considerar que os jovens não querem mais trabalhar, são preguiçosos, ao contrário de quando eram jovens, que eram obrigados a trabalhar para ajudar as suas famílias. As falas dos idosos demonstra as diferenças entra as gerações, a velhice e a juventude aparecem como opostas, pois os idosos têm a família e o trabalho como referência, os jovens tem a sua referência à escola. O conflito existe por que o tempo e espaço vivenciado pelo idoso, não são os mesmos dos jovens. Segundo os idosos, os jovens de hoje em dia na comunidade não passam a metade do trabalho que os mesmos passaram, mesmo assim "não querem nada com nada".

> Entre a minha juventude e os jovens de hoje, vejo que é igual a família que continuam trabalhando e respeitando e não fazendo a coisa errada, mas o resto mudou tudo, não é mais nada como antigamente, que passava aquele trabalho, o jovem de hoje eu vejo com muita preguiça, hoje os jovens não passam trabalho que nem eu passava, é muito diferente, os meus filhos se criaram aqui e sempre trabalharam, mais tem muitos que não querem trabalhar mesmo, como as coisas ficaram mais fáceis continuam não querendo trabalhar. (Idoso C, 65 anos)

> Jovem tem mais liberdade, no nosso tempo não era assim, era muito diferente. As famílias mudaram muito, os pais ficaram muito melhor para os filhos. Eu fui um pai que nunca dei um tapa em um filho, a minha família eu já criei diferente do que os meus pais me criaram, bem diferente. (Idoso B, 69 anos)

> Eu acho diferente a juventude de hoje, por que com 12 ou 13 anos eles querem se mandar. Os jovens de hoje possuem muito mais liberdade, de antigamente não tinha nenhuma, tinha que fazer com os pais queriam, não era assim. Hoje está muito frouxo, por isso acontece muita coisa errada, um vai para a maconha, outra

> menina com 12, 13 anos já estão juntas, isso é coisa que não podia acontecer. Eu achava que na época era muito preso, mas também para a educação da família era bom assim, todos se respeitavam, o jovem hoje tem liberdade e antes não tinha. (Idosa A, 66 anos)

É recorrente nas falas dos entrevistados a questão do trabalho por parte dos jovens. Os idosos dizem que os jovens de hoje em dia estão fugindo do trabalho do campo, principalmente aqueles considerados de cunho pesado. Essa é uma das maiores diferenças encontradas nessas distintas gerações. Os idosos entrevistados relatam que desde pequenos acabaram ajudando seus pais na roça. Como as famílias eram grandes e as condições de sobrevivência eram difíceis, os filhos eram obrigados a ajudar, porque sozinhos seus pais não dariam conta. Os entrevistados demonstram que o trabalho exerceu forte influência nas suas vidas quando jovens, e até antes, quando ainda eram apenas crianças. O trabalho infantil reflete-se hoje na opinião dos idosos em relação ao trabalho destinado aos jovens e que os mesmos não estão querendo praticar. "Hoje em dia os filhos têm que ajudar mais os pais. Esse negócio dos filhos não poderem trabalhar para mim está errado. Não pode explorar, mas tinha que trabalhar" (Idoso B, 69 anos). Essa fala remete a importância que os mesmos dão ao trabalho, pois essa foi a vida que tiveram, e acreditam que o trabalho é algo importante para a formação dos jovens e é mais significativo que a própria escola. O trabalho na formação dos jovens é menor que o papel da escola. Os entrevistados possuem pouca escolarização e uma forte presença do trabalho nas suas vidas, desde crianças trabalharam.

Segundo Conde (2012), o problema do trabalho está relacionado à forma capitalista de produção, onde deixamos de atender as nossas próprias necessidades, e passa a ter uma lógica voltada para produção de excedentes, na comunidade pesquisada, o trabalho infantil sempre esteve presente, porém atualmente as crianças não são obrigadas mais a praticar, as relações são outras, as crianças possuem o direito de estudar e de brincar, diferente de seus pais e avós que eram obrigados a "ajudarem" no trabalho:

> O problema do trabalho infantil torna-se uma generalidade quando as atividades das crianças passam a ser voltadas não mais à produção de

> valores de uso à família, mas à produção de mais-valia. Esse momento coincide com a introdução das máquinas na grande indústria capitalista que as utiliza não como meio de aliviar a labuta, mas de ampliar a parte não paga da jornada de trabalho. Como o foco das relações sociais capitalistas é a produção de capital e não a humanização do ser social, as vantagens do trabalho coletivo e dos avanços tecnológicos não são utilizadas para liberarem as crianças para as virtudes das atividades de estudo, das brincadeiras, da arte, da música e da preguiça. (CONDE, p.66)

O trabalho é considerado pela população do campo mais importante do que a própria escola. Ao analisar as falas dos entrevistados fica constatado que a relação dos idosos com o trabalho é muito mais efetiva do que com a própria escola, como eles viveram toda as suas vidas em uma relação direta com o trabalho, acaba se tornando natural a cobrança que os mesmos possuem sobre os jovens da comunidade, achando que eles são preguiçosos e não querem nada com nada com a vida, pois a relação que os mesmos possuem com o trabalho do campo é diferente dos idosos. A fala dos idosos relata essa relação direta e efetiva com o trabalho e a cobrança sobre os jovens.

> Os jovens não querem mais o serviço pesado, não querem mais pegar uma foice para nada, não se acha mais um camarada para nada, um jovem que enfrenta um serviço também, a coisa está meia parada, a tendência é cada vez piorar. O tempo que eu era jovem aqui era uma cidade e hoje já dá de contar as casinhas que tem. (Idosa A, 66 anos)

> Eu vejo aí muitos tirado de leite que tiram o leite sozinho e os filhos vão embora, se morrer os pais os filhos não vão mais tocar. Os jovens hoje querem mais mordomias, eles não trabalham a metade do que a gente trabalhava. (Idoso B, 69 anos)

Ao falar sobre os jovens os idosos, relatam que é justamente o trabalho um dos fatores contribuintes para a migração juvenil presente na comunidade de Rio Santo Antônio. Os jovens estariam saindo para buscar novos horizontes profissionais e fugindo do trabalho considerado pesado do campo, mesmo que atualmente o campo está cada vez mais mecanizado, em Rio Santo Antônio, os moradores possuem acesso a máquinas (tratores, caminhões, tobatas, etc.), diferente do tempo dos idosos que o trabalho era braçal, o máximo que possuíam para trabalha em suas terras era a tração animal. Um fator recente que faz com os jovens decidam migrar e foi lembrado pelos idosos é a continuidade na escolarização, embora em menor frequência que o trabalho, mas acaba sendo um fator considerável.

> O que mais influencia o jovem a sair é o emprego, mas também os estudos, vão para estudar daí já não voltam mais, vão para a cidade e de lá já arrumam um emprego, e assim vai, os que querem ficar na comunidade com os pais ficam os que não já vão indo, os filhos vão estudando e dali já não voltam mais. (Idosa A, 66 anos)

> Hoje eu vejo os novos reclamando do serviço, mas estão trabalhando, passam trabalho, mas não é aquele trabalho que nem a gente quando era novo, hoje está mais bom de trabalhar aqui, hoje melhorou tudo, mas não sei porque os novos não querem trabalhar mais, tudo melhorou, a estrada, o serviço. (Idoso C, 65 anos)

Ao discutir o futuro da comunidade, a opinião entre os idosos está dividida, enquanto dois acreditam que a tendência com o passar dos tempos é cada vez mais os jovens e também suas famílias abandonarem o campo, o outro entrevistado acredita que com o grande número de pessoas nas cidades e a falta de emprego na mesma farão muitos voltarem para a comunidade. Entre os 3 idosos entrevistados nenhum deles pensa em sair da comunidade, porém a senhora idosa, acredita que como não possui mais nenhum membro da família morando na localidade, na sua velhice se vê obrigada a ir embora também, mesmo que essa decisão seja contra a sua vontade. Essas diferentes visões de futuro sobre a comunidade de Rio Santo Antônio são expressas nas falas dos entrevistados.

> Se continuar assim a tendência é cada vez mais a juventude indo embora e com o tempo com vontade de voltar. Eles vão mas sempre tem aquela vontade de voltar, por que muitos quebram a cara, se na cidade não dá, no meu lá dá. Eu não saio e tem muita gente da minha família que é difícil sair. (Idoso B, 69 anos)

> Nunca pensei em sair daqui e queria ficar aqui até sair no caixão, mas se for preciso eu tenho que sair porque não tenho mais nenhum filho perto, senão ia acabar a minha vida aqui, por mim eu ficava até o fim. (Idosa A, 66 anos)

A evasão se dá principalmente por parte dos jovens, por acreditarem que em outros lugares encontrarão condições mais favoráveis para a concretização dos seus sonhos. O campo é, na maioria das localidades, um espaço masculinizado. Hoje em dia os jovens apesar de estarem migrando para a cidade acabam tendo as mudanças que o próprio campo precisa, o futuro da comunidade, das sucessões familiares estão na mão da juventude.

Um fator que em muitos casos contribui para uma melhora na visão que se tenha sobre o ambiente rural é a crise enfrentada pelo urbano, onde as mazelas acabam sendo muito mais graves do que aquelas enfrentadas pelos camponeses. Esse fato acaba por atrair a atenção dos jovens, fazendo com que os mesmos reflitam sobre as suas escolhas na hora de decidir entre sair e permanecer no campo.

Os jovens e os idosos são o passado, o presente e o futuro do campo. Os idosos do Rio Santo Antônio são a história viva da comunidade, já os jovens representam o futuro. O futuro ainda é incerto, mas sabemos que ambos querem e lutam para que a comunidade ofereça as condições necessárias para a sobrevivência, seja idoso, jovem, ou criança. A decisão de sair ou ficar, depende de cada um e deve ser respeitada, mas que seja uma escolha e não a falta da possibilidade de escolha. A lógica do capital empurra as pessoas, e os jovens também, para outros locais. Isso é “bom e ruim” ao mesmo tempo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste estudo foi identificar a migração juvenil na comunidade de Rio Santo Antônio, Santa Rosa de Lima, SC. No primeiro capítulo, buscou-se conhecer o local a ser pesquisado. A comunidade de Rio Santo Antônio está localizada a 17 km do centro do município, uma típica comunidade do interior catarinense. Santa Rosa de Lima é um pequeno município rural localizado no território das encostas da serra geral, principal corredor ecológico entre o Parque Nacional de São Joaquim e o Parque Estadual da Serra do Tabuleiro. O município se caracteriza pela presença marcante das culturas alemãs e italianas que colonizaram a região em 1900. A colonização não foi algo harmônico e romântico como enfatiza os grandes meios de comunicação nacional acerca de um suposto "sul maravilha" ou "local onde o Brasil deu certo".

O município se destaca no turismo rural e também obtém o título de capital Catarinense de Agroecologia. Trata-se de um município com apenas 2064 habitantes, sendo a sua maioria moradores do meio rural. Viver em Santa Rosa de Lima é poder desfrutar de riquezas naturais e conviver intensamente com a natureza

A comunidade de Rio Santo Antônio teve sua colonização por volta de 1915. Atualmente tem sua economia voltada para a produção de alimentos, gado de leite e corte, carvão vegetal de eucalipto sendo o que mais gera renda à comunidade é a extração de madeira. No início de sua colonização, com uma economia voltada para a produção de madeira serrada, havia na comunidade 70 famílias. Hoje em dia, esse número é bem menor: apenas 27 famílias.

O segundo capítulo trouxe a discussão teórica sobre o que é ser jovem, jovem rural, migração juvenil, envelhecimento e sucessão no meio rural. A juventude é o momento da vida do ser humano onde as escolhas para o futuro começam a surgir. Nesse momento cabe aos jovens as escolhas profissionais e pessoais.

A juventude rural é retratada geralmente de forma pejorativa, sendo os jovens urbanos mais valorizados e alvo da maior parte das ações políticas estatais. Ao falar sobre os jovens rurais, são poucas as pesquisas que relatam a vida dos jovens do campo. Os jovens do campo estão no centro no processo de migração, sendo atualmente os

sujeitos que se deslocam para as cidades. Com o processo de migração juvenil, o campo atualmente é um espaço cada vez mais masculinizado e velho. A sucessão dentro das propriedades está sendo afetada nesse processo. Com a saída dos jovens, são os idosos os atores principais nas comunidades rurais, pois os filhos e os netos acabaram saindo e a comunidade ou propriedade tendem a ficar sem sucessores ou projeção de vida e continuidade futura.

O terceiro capítulo traz a pesquisa feita com os moradores da comunidade de Rio Santo Antônio. Os jovens, principais sujeitos da pesquisa, são os que mais deixam a comunidade. Atualmente, a comunidade possui 22 jovens com idade de 15 a 29 anos, dos quais 4 foram selecionados para participar da pesquisa que buscou um recorte representativo das diversas formas de ser jovem na comunidade. Para aprofundar as diferenças geracionais, 3 idosos da comunidade foram selecionados para serem entrevistados.

A pesquisa constata a realidade discutidos nos dados sobre migração na revisão bibliográfica, a comunidade de Rio Santo Antônio está envelhecida e masculinizada. Os jovens são os que mais migram para a cidade, principalmente as mulheres, por não se identificarem com as atividades agrícolas e por buscarem uma escolarização maior. Em relação ao trabalho a relação com o mesmo é diferente entre as gerações, os idosos possuem o trabalho com referência, os jovens não pactuam dessa relação, o referencial são os estudos, ter uma formação, depois trabalhar. Os tempos mudaram, a comunidade também, os jovens não querem trabalhar apenas na agricultura, mesmo que ela já esteja mecanizada, não exigindo tanto esforço físico como quando seus pais e avós eram jovens. Ao olhar dos jovens uma comunidade rural precisa ir além das práticas agrícolas, precisa-se de investimentos em outras áreas, como saúde, educação, lazer, novas oportunidades de emprego. Para que tudo isso se efetive de fato, a comunidade tem que acreditar nos seus jovens, valorizá-los. Os conflitos existem por que o tempo é outro, e os querem mudanças, se não conseguem não se veem motivados a permanecer.

Os jovens e os idosos possuem olhares diferentes sobre o mesmo espaço. Aos olhos dos jovens a comunidade e o poder público precisam olhá-los com mais atenção, pois estão carentes de oportunidades de emprego e lazer. Ao olhar dos idosos, esses jovens apresentam comportamentos diferenciados dos seus quando eram

jovens, são considerados avessos ao trabalho dito pesado do campo e possuem mais liberdade. Os idosos são a memória viva da comunidade, guardiões de tradições. Os jovens são considerados o futuro, ao mesmo tempo que suas atitudes não são bem aceitas, são vistos como a salvação das sucessões familiares e da continuidade das comunidades rurais. Se por um lado, percebemos os idosos como "patrimônio" histórico e cultural da comunidade, fundamental para a preservação da história e da cultura, por outro, vemos que o jovem é o novo, a coragem e a possibilidade de mudança. Tais características antagônicas entre as gerações, evidentemente, geram conflitos de interesses.

Os jovens da comunidade de Rio Santo Antônio, Santa Rosa de Lima, SC, como os outros jovens rurais Brasil afora, sabem que a migração é um fator recorrente, assim eles saem por não encontrarem oportunidades principalmente de emprego, e também de lazer no campo. Saem porque suas ideias de melhoria para a propriedade não são aceitas por seus familiares, sendo considerados inexperientes.

Os motivos da migração juvenil são variados, mas, acima de tudo, os jovens de Rio Santo Antônio vão para a cidade em busca de condições melhores de vida e de maior valorização. Não querem viver a mesma vida de seus pais e avós. Os jovens querem um mundo melhor. Querem novas oportunidades e se não as encontram na comunidade vão buscar em outros lugares.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS


ABRAMO, A. W. e BRANCO, P. P. M. **Retratos da juventude Brasileira**: análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2005.

BALMANN, Siuzete Vandresen. **Nas vidas das escolas isoladas a uma escola isolada na vida rural:** aprendizagem do processo de nucleação em santa rosa de lima, dissertação de mestrado. Florianópolis: UFSC, 2012.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: Lembranças de velhos. 3. Ed. São Paulo. Companhia das Letras, 1994.

BRASIL. MEC/CNE. **Diretrizes Operacionais para Educação Básica nas Escolas do Campo.** Parecer CNE/CEB nº 36/2001, aprovado em 4 de dezembro de 2001.

CASTRO, E. G. **Juventude rural no Brasil**: processos de exclusão e a construção de um ator político. Revista Latino-americana de Ciências Sociales, 2009.

CARLA, R. S, ESQUERDO, R. L. **Adolescência e juventude**: Entre conceitos e políticas públicas. Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar, São Carlos, 2009, v. 17, n.2, p 87-106.

DALMAGRO, Álvaro. **Santa Rosa de Lima:** História e Memória: da Colonização à emancipação. Tubarão: Ed. Copiart, 2012.

DOLL, Johannes. **Idosos do Campo**: Dicionário da Educação do Campo. Rio de Janeiro/São Paulo. Expressão Popular, 2012.

FÁTIMA, E. J. **Envelhecimento do campo e o movimento de mulheres camponesas**: desafios e perspectivas. Revista Grifos, 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 28. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GONÇALVES, S. Q. **Aspectos da escolarização de jovens rurais**: um campo de incertezas e possibilidades. Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2009.

HARTWIG, Marisa. **Migração campo cidade**: trajetórias de vida, trabalho e escolarização de jovens trabalhadores. Eixo 1: Contradições e perspectivas da globalização na educação dos trabalhadores. UFSC, 2001.

JANATA, N.E. **Ser jovem: do singular ao universal**. Juventude que ousa Lutar, trabalho, educação e militância de jovens assentados do MST. (Tese de doutorado em educação). Programa de pós-graduação em Educação da UFSC. 2012.

MARIA, Cristiane *et all.* **Juventude rural, envelhecimento e o papel da aposentadoria no meio rural:** a realidade do município de Santa Rosa/RS. Sociedade Brasileira de economia, administração e sociologia rural. Campo Grande, 2009.

MASCAGNA, Andréia Critina. **Adolescência**: compreensão histórica a partir da escola de Vigotski. Dissertação de mestrado. Programa de pós-graduação em Psicologia. Universidade do estado de Maringá, 2009. (Capítulo IV- p. 108-127).

NÓVOA, Antônio. **Para o estudo sócio histórico da gênese e desenvolvimento da profissão docente**. Teorias e educação, n.4 1991, p.109-139.

PERIPOLLI, Odimar, J. **O processo de esvaziamento do campo entre os jovens camponeses**: os desafios colocados à escola. Revista da Faculdade de Educação IX n° 16, 2011.

PERROT, Edmir. A juventude operária. Da oficina à fábrica. In: LEVI, Giovanni; SCHMITT, Jean Claude (Org.). **História dos homens**. São Paulo: Companhia das letras, 1996.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SANTA ROSA DE LIMA. Acesso em 25/04/2016. Disponível em: w.ww.santarosadelima.sc.gov.br.

SAVIANI, Demerval. **Escola e Democracia**: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação e política. 33. Ed. Campinas: Autores Associados, 2000.

SCHNEIDER, S. (Org.) **A diversidade da agricultura familiar**. Porto Alegre, Ed. UFRGS, 2006.

SPOSITO, M.P. **Jovens no Brasil**: desigualdades múltiplas e novas demandas públicas. São Paulo: Ação Educativa, 2003.

SPOSITO, M. P. **Juventude e Educação**: interações entre a educação escolar e a educação não formal. Educação e realidade, 2008.

SPOSITO, M. P. **Transversalidades no estudo sobre jovens no Brasil**: educação, ação coletiva e cultura. Educação e Pesquisa. São Paulo, 2010.

STROPASOLAS, Valmir Luiz**. O mundo rural no horizonte dos jovens.** Florianópolis: Ed. da UFSC, 2006.

WIEMES, Adolfo. **Rio Santo Antônio**: Minha vida, meu povo. Santa Rosa de Lima, 2002.